



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CAMPUS III - BACABAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

MARISA LOPES COSTA

**O IMPACTO DO DISCURSO FEMINISTA ATRAVÉS DE
COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS: UM CAMINHO PARA O
FEMINISMO CONTEMPORÂNEO.**

Bacabal-MA
2019.1

MARISA LOPES COSTA

**O IMPACTO DO DISCURSO FEMINISTA ATRAVÉS DE
COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS: UM CAMINHO PARA O
FEMINISMO CONTEMPORÂNEO.**

Monografia apresentada junto ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/ Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para a obtenção do grau de licenciada em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientador: Prof. Clever Luiz Fernandes

MARISA LOPES COSTA

**O IMPACTO DO DISCURSO FEMINISTA ATRAVÉS DE
COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS: UM CAMINHO PARA O
FEMINISMO CONTEMPORÂNEO.**

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, para a obtenção do grau de licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Clever Luiz Fernandes (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Professor (a) Examinador (a)
Universidade Federal do Maranhão

Professor (a) Examinador (a)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por seu imenso amor, pela graça e por sua misericórdia.

Agradeço à minha família, em particular minha mãe Maria Roza, meu pai Raimundo Domingos e meu irmão Railson Lopes, os quais com grande amor, dedicação e paciência, vem me apoiando em todas as etapas de minha vida, confortando nos momentos de difíceis e nunca deixando eu desanimar. Sem vocês nada disso faria sentido.

Agradeço a todos os professores por compartilharem conhecimento conosco durante esses anos de graduação. Mas, em especial, ao meu orientador Clever Luiz Fernandes, principalmente pela disponibilidade e prontidão ao aceitar esse desafio, pela paciência e por todos os ensinamentos durante essa trajetória.

À Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus III (Bacabal – MA), por proporcionar um ambiente propício a discussões e debates relevantes para a sociedade, instigando o senso crítico de seus alunos.

Aos meus amigos e colegas, que suportaram meus desabafos e ausências e, que direta ou indiretamente, entre conversas e discussões ajudaram na composição deste trabalho.

Ainda que fôssemos surdos e mudos como uma pedra, a nossa própria passividade seria uma forma de ação.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este estudo consiste em uma análise a partir de revisões bibliográficas e recortes da Internet, com o objetivo principal de compreender como compartilhamentos do discurso feminista através das redes sociais (Youtube, Instagram e o Twitter) podem impactar ao mesmo tempo em que provocar a sociedade a conhecer e discutir sobre Feminismo, e dessa forma com os efeitos coletivos deste impacto, construir e/ou renovar a identidade, a ação e os agentes desse movimento, sugerindo uma nova onda, considerando sua intrínseca pluralidade e a Internet como um novo espaço público, uma nova forma de sociabilidade e atual motor para a expansão e desenvolvimento do Feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Redes sociais. Compartilhamentos. Ciberespaço.

ABSTRACT

This study consists of an analysis of bibliographical reviews and clippings of the Internet, with the main objective of understanding how feminist discourses through social networks (YouTube, Instagram and Twitter) can impact at the same time that provoke society to to know and discuss about Feminism, and thus with the collective effects of this impact, to construct and / or renew the identity, action and agents of this movement, suggesting a new wave considering its intrinsic plurality and the Internet as a new public space, a new form of sociability and current engine for the expansion and development of Feminism.

KEYWORD: Feminism. Social networks. Shares. Cyberspace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O FEMINISMO E AS SUAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA VIDA POLÍTICA E SOCIAL	10
1. 1 Primeira Onda	11
1. 2 Segunda Onda	19
1. 3 Terceira Onda.....	26
2 O IMPACTO DO DISCURSO FEMINISTA ATRAVÉS DE COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	48
Anexo A	48
Anexo B	49
Anexo C	50
Anexo D	51
Anexo E	52
Anexo F.....	53

INTRODUÇÃO

A primeira “onda” do movimento feminista (conhecida como Feminismo igualitário) é baseada nas reivindicações, necessidades e desejos de igualdade política das mulheres desse período; eram as primeiras manifestações do feminino em busca de direitos. De acordo com Miguel e Biroli (2014), a igualdade é uma reivindicação “óbvia” levantada por qualquer movimento que queira falar em nome de grupos oprimidos, e com o movimento feminista não foi diferente, construído, a priori, tendo a igualdade como bandeira fundamental. Tão logo a segunda “onda” (conhecida como Feminismo da diferença) aborda interesses diferentes da primeira, visto que alguns de seus objetivos foram alcançados (pelo menos no papel); nesta, “a Mulher (com letra maiúscula) torna-se o sujeito ativo – que necessita romper com a condição de dominação masculina.” (MARQUES, 2015, p. 13). E, a terceira “onda” que também cede aos anseios das mulheres de seu tempo, abordando temáticas plurais, porém, específicas a cada categoria de “Mulher”, mas como disse Aiub (2016), a pluralidade de abordagens gera seccionamento e disputa entre as mulheres fazendo com que se perca o foco da questão.

Assim, com tantos “Feminismos”, ou com a pluralidade de abordagens, é difícil compreendê-lo como um movimento único, como foi outrora, pois agora, entende-se que não cabe ao movimento feminista discutir, questionar e lutar apenas pelos direitos da mulher apenas mulher, é necessário especificar por qual mulher se luta, para qual mulher busca-se tal direito, pois dentro da “categoria” mulher, existem diversas experiências limitadoras diferentes, como por exemplo, a mulher negra, que além de almejar direitos iguais entre homens e mulheres, almeja na sua particularidade, igualdade entre brancas e negras. Contudo, o movimento feminista já não é mais na sua estrutura e nas suas ações como foi nas décadas anteriores, já não se pode mais considerá-lo como Feminismo universal, onde um só discurso abrange as reivindicações de todas as mulheres, mas sim, Feminismo plural, o qual dá voz às especificidades delas, agora os sujeitos ativos.

Por um lado, esse seccionamento e pluralização do discurso feminista tornou-se positivo, pois dessa forma, as experiências pessoais e “individuais” de algumas mulheres podem ser ouvidas, como disseram Miguel e Biroli:

Não é fácil, porém, resolver numa plataforma política os dilemas que a teoria política feminista faz aflorar. A afirmação de que uma única matriz de desigualdades, seja ela gênero, classe, raça ou qualquer outra, está na raiz de todas as formas de dominação faz silenciar as experiências de muitos grupos e representa

uma simplificação que, hoje, é dificilmente sustentável. O Feminismo contribuiu para mostrar isso. Contribuiu para mostrar também que os diferentes padrões de dominação e de discriminação não estão apenas sobrepostos, mas se entrelaçam e produzem padrões novos, específicos. Tudo isso faz com que um projeto de mudança social que seja sensível à multiplicidade dessas vivências não tenha nada de óbvio. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.151).

Mas, reafirmam por outro lado, que tornou-se negativo, pois “no debate teórico e na militância, as prioridades e as posições variam porque há entendimentos distintos do que são as desigualdades, onde residem suas raízes e o que significa superá-las” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 147), e esses entendimentos distintos do que são igualdades e essa pluralidade de discursos e seccionamento, geram disputas e conflitos entre os próprios grupos de mulheres, pois começam a reivindicar a diferença dentro da diferença, como disse a professora Susane de Oliveira em um vídeo/entrevista para o programa Diálogos da UnBTV, e acabam perdendo o foco da questão.

E certamente, por consequência de tais acontecimentos, pode ter surgido uma possível “quarta onda” do Feminismo ou apenas um Feminismo em moldes contemporâneos, onde a internet e as redes sociais são as principais plataformas de propagação desse novo formato, por assim dizer, de Feminismo. Desta forma, este trabalho que tem como tema geral o Movimento Feminista e a Internet, busca responder à questão “Quais os efeitos e os impactos causados pelos compartilhamentos do discurso feminista através das redes sociais, e como eles podem ter provocado uma nova onda do Feminismo?”. Com este objetivo foi estruturado da seguinte forma: primeira parte, uma análise da história de luta do movimento e suas formas de participação na vida política e social desde meados do século XV; e, segunda parte, sobre o atual papel da Internet na vida política e social dos sujeitos, baseada na observação de movimentações nas redes sociais, especificamente recortes do Youtube, Instagram e do Twitter, e sobre a importância dessa plataforma digital no desenvolvimento do Feminismo Contemporâneo.

1 O FEMINISMO E AS SUAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA VIDA POLÍTICA E SOCIAL

Sempre houve na história da humanidade, mulheres que lutaram contra sua condição e a favor de sua liberdade. À vista disso, não há um consenso quanto à data inicial do movimento feminista em si, pois reflexões referentes à dominação masculina ou a afirmação da igualdade intelectual e moral das mulheres atravessam os séculos. Cristina de Pizán (1364-1430), escritora francesa, e autora da obra “*La ciudad de las damas*”, concluída em 1405, dedica vários volumes de suas obras às mulheres, e em um deles ela diz que,

As mulheres sabem menos sem dúvida porque não têm, como os homens, a experiência de tantas coisas distintas, mas se limitam aos cuidados do lar, ficam em casa, ao passo que não há nada tão instrutivo para um ser dotado de razão como exercitar-se e experimentar coisas variadas. (PIZAN, apud MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 19)

Diante desse escrito, percebemos com clareza a intensidade com que Cristina de Pizán aborda questões de cunho feminista. Neste caso, ela utiliza a submissão ao lar e a impossibilidade do acesso das mulheres ao conhecimento; mas, ainda em outros escritos de Pizán dedicados às mulheres, encontraremos questões como, por exemplo, o estupro, a igualdade dos sexos e a dominação masculina. “Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender seu sexo”, Simone de Beauvoir (2016, p.149) ao fazer abordagem sobre os escritos de Cristina de Pizán, destaca a atitude da escritora ao atacar os clérigos franceses, reclamando instrução às mulheres assim como os homens tinham.

Mora (2009), no capítulo destinado ao pensamento feminista do seu livro: *Lecturas de filosofia*, afirma que junto com o humanismo renascentista desenvolveu-se a chamada “*Querelle de las mujeres*”, podendo ser traduzido sem perda de sentido para “A questão feminista”. Moderata Fonte (1555-1592), escritora italiana, que escreveu a obra “*El mérito de La mujer*”, e Teresa de Cartagena, religiosa nascida no século XV que escrevia “*Admiración de las obras de Dios*”, assim como Pizán, demonstram o quanto a problemática pela qual o movimento feminista luta, é antiga, contudo, não podemos localizá-las como autoras feministas, pois até então não havia o conceito de Feminismo nem um movimento feminista de fato, e se o fizéssemos cometeríamos anacronismos. Todavia, é válido ressaltar que tais escritos foram importantes para a história das mulheres.

As reivindicações pelos direitos das mulheres de forma acentuada e de caráter coletivo (crítica direta à exclusão da mulher na esfera pública e sua submissão ao lar) surgem em

meados do século XVIII, no contexto das revoluções norte-americanas e francesas, e consequentemente, fortemente influenciadas pelas transformações ocorridas na Europa, pela independência dos Estados Unidos, pelo pensamento iluminista e principalmente pelos ideais de “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”, advindos da Revolução Francesa. Portanto, partindo do pressuposto de que o Feminismo nasceu como um movimento social que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres, podemos eleger então, o século das luzes (marco do Iluminismo), para efeito didático e a fim de localizarmos na história, como o marco do surgimento do Movimento Feminista e assim podermos traçar uma breve trajetória desse movimento.

1. 1 Primeira Onda

Desde o final do século XVIII, com a disseminação dos ideais revolucionários, advindos principalmente da Revolução Francesa, e com uma nova configuração social, econômica e política, proporcionada, também, pela Revolução Industrial e pela condensação de três correntes intelectuais e políticas: o liberalismo, conservadorismo e o socialismo, até o início do século XX, no contexto do pós 1ª Guerra Mundial, com todas as consequências e resultados da época, temos esse período marcado pelo Feminismo chamado de 1ª Onda (igualitarista, liberal ou sufragista). Segundo Matos (2010), impulsionada pelo paradigma do liberalismo, a primeira onda funda-se na ideologia burguesa e na busca por um conceito ampliado de cidadania, e é definida por ideais democráticos e pelos legados do Iluminismo, reivindicava o direito a uma vida pública, direito ao voto, direito à instrução/educação (ler e escrever), igualdade no casamento e o direito ao divórcio.

Ao contrário do que pensavam e esperavam as mulheres que participaram intelectual e fisicamente das revoluções liberais, a Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que conjuravam o lema da Revolução Francesa, foram as conquistas dessas revoluções liberais, que garantiu direitos aos homens, mas às mulheres, não. E a partir de então, iniciou-se uma série de acontecimentos a favor dos direitos das mulheres, sendo o principal deles o sufrágio feminino.

Beauvoir (2016) analisou o cenário francês e certificou que a França, por exemplo, foi berço de nomes expressivos para o movimento feminista, como a figura de Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze (1748-1793), de nacionalidade francesa, declaradamente militante feminista e defensora dos direitos das mulheres, que em 1789

propôs - durante a Revolução Francesa (1789-1799) - a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, simétrica à dos direitos dos homens. Gouges declara neste documento que:

Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e deveres; que, para gozar de confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e, que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral. Em consequência, o sexo que é superior em beleza, como em coragem, em meio aos sofrimentos maternais, reconhece e declara, em presença, e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos da mulher e da cidadã.¹ (GOUGES, 1791, p.1).

Ou como Maria Deraismes (1828-1894), com um Feminismo tímido; Ou Léon-Pierre Richer (1824-1911) que em 1869 criou “*Les Droits de La femme*” e em 1878 organizou o Congresso Internacional desses direitos, e insere-se nos parâmetros da luta feminista, embora tenha manifestado suas indignações quanto ao sufrágio feminino apenas quando Hubertine Auclert (1848-1914) inicia uma campanha sufragista.

A Declaração escrita por Gouges, nos seus 17 artigos e conclusão, marca a intensidade de sua crítica quanto à Declaração dos Direitos dos Homens, aprovada pela Assembleia Nacional da França. E como afirma Assmann (2007), ao mesmo tempo em que servia de crítica ao documento aprovado anteriormente, também servia como apelo às mulheres para que elas se posicionassem responsabilmente frente ao que (lhes) acontecia. Segundo Marques (2015), esse documento pode ser considerado um marco para o Feminismo reconhecido como de “primeira onda”, ou igualitarista. Contrária aos ideais de Robespierre e Marat (conhecidos revolucionários) e considerada uma “desnaturada”, Olympe de Gouges acabou guilhotinada.

E, a partir de então, diversos acontecimentos envolvem o movimento sufragista francês, como a aliança Feminismo-socialismo em 1879, a aprovação da lei que permite às mulheres serem testemunhas em processos em 1897, a questão do voto feminino sendo levada à câmara por Viviani em 1901, a fundação da União Francesa pelo Sufrágio das Mulheres e um parecer apresentado por Buisson concedendo o direito de voto às mulheres para as assembleias locais em 1909. Até que em 1910, Thomas apresenta um projeto de lei a favor do sufrágio feminino,

¹ Preâmbulo da *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, proposta por Olympe de Gouges em 1791.

renovado em 1918, triunfa em 1919 na Câmara, mas malogra no Senado em 1922, para apenas em 1945 as francesas conquistarem todas as suas capacidades políticas.

Em 1792, na Inglaterra, Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora e filósofa inglesa, escreveu um dos grandes clássicos da literatura feminista, “*A Reivindicação dos Direitos da Mulher*”, entretanto, somente a partir do final do século XIX, quando Dame Millicent Garrett Fawcett (1847-1929) funda o movimento sufragista, foi que as mulheres inglesas organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo o direito ao voto o primeiro deles, e em consequência disso, ficaram conhecidas como as *suffragettes* (em português, “As sufragistas”).

Da mesma forma que na França, o movimento sufragista inglês também surge tímido, embora cercado e atravessado por vários acontecimentos.

É por volta de 1903 que as reivindicações femininas assumem uma feição particular. A família Pankhurst cria em Londres a *Woman Social and Political Union* (União Política e Social de Mulheres) (...). Durante 15 anos realizam uma política de pressão que lembra por certos aspectos a atitude de Ghandi. Recusando a violência, inventam sucedâneos mais ou menos engenhosos. Invadem o Albert Hall durante os comícios do Partido Liberal, brandindo flâmulas de pano ordinário em que se inscrevem as palavras *Vote for woman*; penetram à força no gabinete de Lorde Asquith, promovem comícios em Hyde Park ou Trafalgar Square, desfilam pelas ruas com cartazes, fazem conferências, no decurso das manifestações, insultam os policiais ou atacam-no a pedradas a fim de suscitar processos; na prisão, adotam a tática da greve de fome; angariam fundos, reúnem em torno delas milhões de mulheres e de homens; impressionam a tal ponto a opinião que em 1907, há duzentos membros do Parlamento que constituem uma comissão para propugnar pelo sufrágio feminino; a partir de então, todos os anos alguns deles apresentam um projeto de lei favorável ao voto das mulheres (...) (BEAUVOIR, 2016, p. 179-180).

A ideia de sufrágio feminino, os acontecimentos e as manifestações provenientes diretamente desta luta, espalharam-se pelo mundo ao passar dos anos, alcançando outros países como Brasil, Nova Zelândia, Grã-Bretanha, e Estados Unidos, por exemplo. Nesse processo, o sufragismo feminino tornou-se um movimento para além dos escritos, ou seja, deixou de contemplar apenas o âmbito intelectual, e passou a manifestar seus interesses, indignações e reivindicações ativamente nas ruas seja através de ações individuais ou através de um movimento extremamente massivo com a participação de milhares de mulheres que apesar de sofrerem graves represálias penais e sociais, ainda assim, mantiveram-se firmes pela causa.

Maria Quitéria de Jesus Medeiros (1792-1853), militar brasileira, considerada heroína na Guerra da Independência, é reconhecida como a primeira mulher brasileira a lutar numa guerra.

Cortou o cabelo, vestiu-se de homem e se alistou com o nome de Medeiros, no batalhão dos "Voluntários do Príncipe Dom Pedro". (...) No dia 2 de julho de 1823, quando o exército entrou na cidade de Salvador, Maria Quitéria foi saudada e homenageada pela população. Tornou-se exemplo de bravura nos campos de batalha e foi promovida a cadete, em 1823. Foi condecorada no Rio de Janeiro com a Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, em uma audiência especial onde recebeu a medalha das mãos do próprio Imperador Dom Pedro I. (FRAZÃO, 2017, p.1).

Diante desse breve trecho onde é relatada a passagem de Maria no batalhão, entendemos o motivo pelo qual Maria Quitéria tornou-se exemplo de bravura, tanto dentro dos campos de batalha quanto nos espaços onde as reivindicações de cunho feminista são levantadas, pois, nascida no século XVIII, fez-se ser notada em um espaço totalmente dominado pelo masculino, não apenas por ser mulher, mas por ser mulher e se destacar naquilo que fazia, uma exceção.

Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves (1810-1885), considerada a primeira feminista brasileira e “uma exceção escandalosa”², devido ao seu comportamento totalmente contrário ao comportamento das mulheres do século XIX, é outro exemplo brasileiro no que se refere às primeiras manifestações feministas, pois segundo Brito (2014), Nísia propõe às mulheres novas perspectivas quanto ao seu papel na sociedade.

Bertha Lutz (1894-1976), líder e representante do movimento sufragista brasileiro e fiel defensora dos direitos das mulheres, destacou-se como uma das principais personalidades desta “onda” do Feminismo no Brasil, iniciando sua luta pelo voto feminino ao regressar de seus estudos no exterior por volta da década de 1910. “Em 1919, Bertha assumiu a liderança do movimento sufragista no país com a criação da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, que em 1922 deu lugar à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino” (MARQUES, 2015, p. 11). Com muita luta, as sufragistas brasileiras alcançaram o direito ao voto na década de 1930 quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro (PINTO, 2010, p. 16), entretanto, mas já era esperado, com algumas ressalvas.

Essas mulheres ficaram conhecidas na história ocidental, como As sufragistas, articularam grandes manifestações em Londres, foram presas diversas vezes, fizeram greves de fome. Um exemplo é a figura de Emily Wilding Davison (1870-1913), que em 1913, na

² Expressão utilizada por Gilberto Freyre ao referir-se ao comportamento de Nísia Floresta.

famosa corrida de cavalo em Derby, atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo, alguns afirmam que foi morte acidental, outros, que foi suicídio em prol do movimento sufragista, mas apesar dessa controvérsia, é válido salientar que esse episódio, foi expressivo para o processo de legitimação do voto feminino na Inglaterra. Outra figura é Emmeline Pankhurst (1858-1928), casada com Richard Marsden Pankhurst, autor da legislação *Married Women's Property Acts* (Lei da propriedade da mulher casada), e integrante da família Pankhurst, a qual fundou a União Política e Social de Mulheres, presa várias vezes, Emmeline Pankhurst chamou a atenção das outras mulheres e dos homens, por meio de “discursos inflamados de sua sacada” (FONSECA, 2015, p.3). Assim, Emmeline abriu caminho e deu margem para que a luta das mulheres radicalizasse, fato que culminou com mulheres quebrando vidraças, promovendo guerras de fome, invadindo eventos e depredando museus.³

Contudo, é perceptível que o sufragismo foi um ponto de partida para organização do Feminismo como um movimento social libertário, que além de buscar espaço para as mulheres no seio da sociedade, entende que, se existem condições para isto, elas devem ser alcançadas. O direito ao voto foi alcançado, mas não para todas as mulheres, pelo contrário para a minoria, visto que as ressalvas do Novo Código Eleitoral Brasileiro como afirmou Marques (2015), por exemplo, garantia este direito apenas às mulheres na condição de exercerem funções públicas e possuir remuneração, salvo as sanções que a lei determinasse, ou seja, havia mais motivos ainda para prosseguirem com o movimento, a fim de garantir, efetivamente, cidadania para todas as mulheres.

Já Goldman, também propagandista do amor livre e pioneira na defesa da legitimidade das relações homoafetivas, julgava que o sufragismo e o Feminismo burguês não eram capazes de libertar a mulher, apenas a inseriam de um novo modo na mesma ordem social opressiva. À medida que suas barreiras são conquistadas, “a mulher é confrontada com a necessidade de se emancipar da emancipação, se ela realmente deseja ser livre”. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 24)

Assim como o direito ao voto, o direito à instrução também é uma forma de liberdade e emancipação das mulheres, senão a principal delas, pois dá a elas a oportunidade de conhecer o mundo a partir de suas próprias ideias, e como afirmou Goldman no trecho supracitado, se a mulher realmente deseja ser livre ela precisa ser emancipada da “emancipação”, tão logo precisa ter experiências variadas, precisa ter acesso ao saber. E com isso, ao longo do século XX foi possível observar a consumação dos parâmetros iniciais do Feminismo: o direito ao

³ Esse momento na história da primeira onda do Feminismo foi dramatizado no filme de 2015 dirigido por Sarah Gavron: “As sufragistas”, onde é retratada a morte de Emily Davison e um pouco da luta das inglesas pelo sufrágio feminino, principalmente, trazendo Emmeline Pankhurst como líder desse movimento.

voto e o direito à instrução (saber ler e escrever), conseqüentemente, a presença de mulheres dentro das escolas. Blay (2001) relaciona o trabalho fabril do século XIX e início do XX, nos países que se industrializavam, o qual era realizado por homens, mulheres e crianças, em jornadas de 12 a 14 horas, durante os seis dias da semana e frequentemente as manhãs de domingo, com a construção de uma nova consciência do papel da mulher como trabalhadora e cidadã, visto que, as demandas das mulheres afetariam a luta geral (prejudicando os homens).

Historicamente a primeira onda do Feminismo foi majoritariamente liderada por mulheres brancas e de classe média, como é o caso das figuras citadas anteriormente. No entanto, o famoso discurso de Sojourner Truth (1797-1883) - nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher (GELEDES, 2009) - proferido em 1851 durante a Convenção dos Direitos da mulher em Akron, Ohio, no qual, Sojourner questiona o fato de ser ou não uma mulher, dizendo:

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negrões) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu parí treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer. (GELEDES, 2018, p.5).

Assim, Sojourner abriu margem para que as mulheres negras tivessem voz dentro desse movimento feminista inicialmente branco; conseqüentemente, elas aproveitaram o ímpeto desse discurso, e,

Quebraram longos anos de silêncio e começaram a articular e a registrar as suas experiências. Em particular a sua ênfase no aspecto “feminino” do seu ser que lhes

causou muita diferença do homem negro, um ato que fez evidência quando os homens brancos apoiaram o voto para os homens negros deixando todas as mulheres sem direitos. (HOOKS, 2014, p. 6)

Assim, proporcionaram também, o engajamento de diversas mulheres pertencentes a etnias e classes sociais variadas. Mas como bem disse Miguel e Biroli (2014), é evidente que as determinações sobrepostas das desigualdades de gênero, classe e raça não aparecem nesse Feminismo do século XVIII e XIX da forma como foram desenvolvidas por parte das feministas posteriores, pois como foi percebido através destes breves casos supracitados, as protagonistas do Feminismo de primeira onda foram predominantemente brancas, logo, as suas causas e questões eram prioridades.

A primeira onda do Feminismo tem basicamente como reclamação principal a reivindicação do direito de cidadania às mulheres, logo, “ser cidadã implicava ser uma mulher instruída: saber ler, escrever, ter frequentado a escola; além de ter direito à vida pública” (MARQUES, 2015, p.12); e o quadro abaixo mostra a conquista do direito ao voto feminino em diversos países decorrentes das reivindicações pela vida pública das mulheres da primeira onda.

Quadro 01: País e ano da conquista do voto feminino

PAÍS	ANO
1° - Nova Zelândia	1893
2° - Austrália	1902
3° - Finlândia	1906
4° - Noruega	1913
5° - Rússia	1917
6° - Alemanha	1918
7° - Inglaterra	1918 (com restrições) 1928 (sem restrições)
8° - EUA	1920
9° - Equador	1929
10° - Portugal	1931
11° - Brasil	1932
12° - Turquia	1934
13° - França	1944
14° - Itália	1945
15° - China	1949
16° - México	1953

Fonte: Elaboração própria (2019)

Além do direito ao voto, a primeira onda do Feminismo também proporcionou outra conquista marcante para as mulheres, o 8 de Março, visto que, a história do 8 de Março conhecido atualmente como o Dia Internacional das Mulheres, demonstra o peso que as mulheres, principalmente as operárias, tiveram para a história. Blay (2001), no seu artigo a respeito das conquistas e controvérsias sobre o dia 8 de Março, conta que

(...) sua origem marcada por fortes movimentos de reivindicação política, trabalhista, greves, passeatas e muita perseguição policial. É uma data que simboliza a busca de igualdade social entre homens e mulheres, em que as diferenças biológicas sejam respeitadas mas não sirvam de pretexto para subordinar e inferiorizar a mulher. (BLAY, 2001, p. 601).

E, conta ainda que, para alcançar tal objetivo as trabalhadoras das fábricas juntaram-se com líderes do movimento comunista que também lutavam pelos direitos das mulheres trabalhadoras, por exemplo, Alexandra Kollantai (1872-1952) e Clara Zetkin (1857-1933), a qual, ao participar do II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhagem, em 1910, propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher, sem definir data precisa. Mas como a própria Blay demonstra no título e no interior de seu artigo, há controvérsias, pois, no Brasil, por exemplo, esta data é vista pela maioria como uma homenagem às mulheres que foram mortas no incêndio de uma fábrica em Nova York, em 1857. Entretanto, o que se sabe, e o que foi levado em consideração em relação a origem do Dia Internacional da Mulher, foram as diversas manifestações entre passeatas e greves, que as mulheres trabalhadoras organizaram, atravessando diversos países, principalmente os Estados Unidos. Contudo, e apesar das controvérsias, o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, foi oficializado pelas Organizações das Nações Unidas no ano de 1975 (BBC, 2018).

Observa-se, portanto, que apesar da época e de todo o contexto, mulheres mobilizaram-se de diferentes formas, e com o tempo, a partir de diferentes grupos, pois a cada vez que foram inseridas novas “categorias” de mulheres de diferentes classes e etnias dentro do movimento, percebemos o desenvolvimento e a evolução da causa feminista dentro da sociedade de primeira onda, nesse momento, independente de suas particularidades, todas em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres, tanto no espaço público quanto no privado. Fizeram uso de passeatas, greves, reuniões, motins e manifestações, para darem voz às suas reivindicações, no intuito de chamar a atenção daqueles que detinham o poder, para que pudessem ser levadas a sério. Diante de tudo isso, conseguimos ver toda a mudança política, social, econômica e cultural, que as manifestações e reivindicações de primeira onda proporcionaram na vida das mulheres, desde o final do século XVIII até o início do século

XX. Pinto (2010) diz que esse Feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960, já com as ideias de Simone de Beauvoir publicadas e espalhadas pelo mundo, em prol do desenvolvimento e surgimento de uma nova “onda” do Feminismo.

1. 2 Segunda Onda

O pós-guerra, mais especificamente as décadas de 1960 e 1970, foi marcado por diversos eventos históricos, como a Guerra Fria (URSS – Socialista vs EUA – Capitalista), regimes militares, manifestos de resistências contra os regimes militares, a figura de Martin Luther King e sua luta por direitos civis à comunidade negra americana, movimentos de contracultura, manifestos estudantis e etc.

Segundo Marcos Napolitano (2011), há nesse período um deslocamento do sujeito revolucionário, do “proletariado” para a “juventude”, que emerge como força transformadora da sociedade. (...) Seria uma revolução cultural, nas palavras de Herbert Marcuse (1993), pensador alemão tido na época como um dos mentores das manifestações juvenis de 1968. Numa perspectiva internacional mais ampla, tratava-se de rechaçar a cultura dominante e institucional. Tal contraposição não se dava pelos meios tradicionais de militância política, mas por meio de um modo de vida que forjava “um corpo de ideias e signos de identidade como atitudes, condutas, linguagens próprias, modos de ser e de vestir, e, sobretudo, uma mentalidade e uma sensibilidade alternativas às do sistema” (VIRASORO, 2008, p.128). As manifestações e movimentos que buscaram a transformação da sociedade por meio de mudanças culturais surgidos na década de 1960, embora heterogêneos e fragmentados, passariam a ser denominados como contracultura. (KAMINSKI, 2016, p. 468-469).

Como por exemplo, o Movimento Hippie, comportamento de contracultura, que surge nos anos 60, o qual criticava o uso de armas nucleares, negava o nacionalismo e toda e qualquer guerra, os adeptos a esse movimento ou estilo de vida, defendiam o amor livre e emancipação sexual, assim como a não violência e um modo de vida comunitário e nômade; a expressão “Paz e amor”, lema desse movimento, resume em duas palavras a postura política e essência da causa. Paralelo a todos esses eventos, temos o aparecimento de uma nova fase do movimento feminista: a Segunda Onda, que direta ou indiretamente, teve os conteúdos de suas pautas influenciados pelos acontecidos da época, visto que esta fase está inserida num contexto completamente diferente da fase anterior, pois surge em meio a uma crise democrática e um processo de construção de novos modelos sociais, portanto sugere novas questões, novas reivindicações e novos mecanismos de ação.

Em geral o direito ao voto foi obtido pelas mulheres nas primeiras décadas do século (embora em países como Suíça ou Luxemburgo tenha tido de esperar até os anos

1970). As barreiras à educação foram levadas, com o acesso das mulheres a todos os níveis de ensino chegando a superar o dos homens – ainda que as profissões com maior presença feminina costumem ser aquelas com menor prestígio social e menor remuneração média. Lentamente, os códigos civis passaram a afirmar a igualdade de direitos entre os cônjuges. Com isso, o Feminismo foi obrigado a focar em mecanismos menos evidentes de reprodução da subordinação das mulheres. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 24-25).

Como disse Miguel e Biroli (2014) no trecho acima, lentamente os códigos civis passaram a afirmar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, e com isso o Feminismo obrigou-se a buscar outros dispositivos de reprodução da subordinação das mulheres, e a partir desse momento, trás para discussão ideias e ações associadas às lutas de liberação feminina, questões vinculadas à sexualidade e aos direitos reprodutivos (no campo das políticas reprodutivas, por exemplo, o surgimento da pílula anticoncepcional), direito ao prazer feminino, discussões sobre o aborto e maternidade, valorização da mulher e questões contra violência doméstica.

Diferente da primeira onda, onde as mulheres estavam iniciando um movimento que contrariava a sociedade patriarcal dos séculos XVIII e XIX, começavam a entender a dimensão do “problema” e a organizar-se massivamente para lutar por seus direitos e, por conseguinte, começavam a entender a importância de suas ações como sujeito coletivo,

A chamada Segunda Onda do Feminismo, este movimento começou a desenvolver metodologias educativas enquanto uma nova forma de ação que poderia levar à transformação social, num contexto de ampliação dos temas de debate político em torno da opressão feminina, como o campo da cultura, das relações sociais, políticas e econômicas, na questão do corpo e da sexualidade (GOUVEIA; PORTELLA, 1999). Na época, tiveram origem os grupos de reflexão ou autoconsciência nos Estados Unidos e na Europa, que rapidamente se espalharam por outros países, sendo fundamentais para a constituição da teoria e da prática feminista no Brasil e no mundo (SILVA, 2010). (SANTANA, 2016, p.1-2).

Em outras palavras, a segunda onda vem carregada de fundamentação teórica, estudos e pesquisas, relatos e experiências, onde as adeptas ou não, do movimento, podem aprofundar-se no assunto, compartilhar experiências e conscientizar-se sobre a importância da causa feminina.

Surge então nesse período obras como *O Segundo Sexo*, de Simone Lucie Ernestine de Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986), mais conhecida apenas como Simone de Beauvoir, qual é considerada um dos maiores nomes do Feminismo do século XX, visto que a autora trouxe para a época uma nova perspectiva quanto à mulher e propagou a ideologia feminista em bases existencialistas através, principalmente, de sua obra: *O segundo sexo*. Ficou

conhecida mundialmente pela máxima: “não se nasce mulher, se torna mulher”⁴, claramente influenciada pelo existencialismo, considerando a teoria de Sartre (2014) na qual afirma que para o existencialista o homem nada é além do que ele se faz. Tão logo, “ela se tornou uma espécie de lenda em vida, encarnação da mulher liberada dos constrangimentos da sociedade machista, capaz de fazer o próprio caminho” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 24-25).

O *segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, é considerado um exemplo de uma possível epistemologia feminista. Por seu caráter perspectivista, por trazer muitos exemplos históricos, psicanalíticos e literários, a fim de ilustrar e justificar suas afirmações, seu texto é considerado mais próximo da experiência do vivido, mais literário. Contudo, o texto de Beauvoir está longe de ser apenas um texto literário desprezioso ou um relato subjetivo do vivido. Ela apresenta a gênese dos conceitos e os problematiza. (AIUB, 2016, p. 66).

Além de protagonizar o surgimento de uma epistemologia feminista, como afirma Aiub, o *Segundo sexo* teve importância relevante na redefinição das fronteiras da política, indicando a profunda ligação entre o pessoal e o social, o público e o privado; abrindo caminho para o provocativo *slogan* “o pessoal é político” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 28) originado do título de um texto da feminista estadunidense Carol Hanish, o qual se tornou a marca do movimento feminista da segunda onda. “O Feminismo definiu-se pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera pública” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.19), portanto, apesar da base para que as primeiras manifestações iniciassem tenha sido a luta pelo sufrágio feminino, suas reivindicações não eram apenas o sufrágio, buscavam a educação das mulheres, a igualdade no casamento, e mais,

(...) sua reivindicação não consiste em serem exaltadas em sua feminilidade: elas querem que em si próprias, como no resto da humanidade, a transcendência supere a imanência; elas querem que lhes sejam concedidos, enfim, os direitos abstratos e as possibilidades concretas, sem a conjugação dos quais a liberdade não passa de mistificação. (BEAUVOIR, 2016, p.191)

Nesse período onde o movimento ganha notável inserção e visibilidade, também é publicado o livro *A mística feminina*, de Betty Friedan (uma das fundadoras da *National Organization of Women* – NOW), considerado para muitos, como uma espécie de “bíblia”⁵ do novo Feminismo. Nele, Friedan analisa o que ela chamava de “problema sem nome”, isto é, a

⁴ Primeira frase do livro “O segundo sexo. Vol. 2”. Esta máxima divulgou mundialmente as ideias e teorias feministas de Simone, atraindo milhares de olhares a favor ou contra o movimento.

⁵ Termo utilizado por Céli Regina Jardim Pinto (Doutora em Ciência Política pela University of Essex – Inglaterra) quando se referia à obra de Betty Friedan (*A Mística feminina*), a fim de enfatizar o tamanho da importância de tal obra para o desenvolvimento dessa nova “onda” do movimento feminista que surge a partir da década de 1960.

não adaptação ou o não ajustar-se ao papel de mãe e esposa exemplar, não ajustar-se à feminilidade, no sentido de insatisfação, afirmando, por exemplo, que:

A mulher que sofre deste mal, e em cujo íntimo ferve a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinquenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas-de-casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passar algum tempo num emprego sem interesse, este era o único caminho. Eram todas muito "femininas" na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal. (FRIEDAN apud DUARTE, 2006, p. 288).

Inconformada, a autora provocava esse modelo de feminilidade, com questionamentos do tipo: “Que espécie de mulher se era, se não sentia uma mística realização encerrando o chão da cozinha?” (FRIEDAN apud DUARTE, 2006, p. 289), no intuito de buscar respostas para compreender as implicações que o “problema” feminilidade fomentava na vida das mulheres dos anos 1960, pois como ela mesmo afirma no seu livro, apesar de muitas dessas mulheres serem bastante femininas, ainda assim sofriam do “mal sem nome”. Entretanto, “o livro de Friedan representa um passo atrás em relação a outras correntes do Feminismo, apresentando a experiência da classe média branca estadunidense como a condição universal da mulher” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 28), isso é válido ressaltar, visto que estamos referindo-nos ao período do pós-guerra, onde milhares de mulheres perderam seus maridos e tornaram-se as únicas responsáveis pela subsistência da família, e o problema do qual a autora fala não é apropriado a essa categoria de mulher, tão pouco às mulheres pobres, negras e/ou trabalhadoras, por exemplo.

A década de 1960 é particularmente importante para o mundo ocidental: os Estados Unidos entravam com todo o seu poderio na Guerra do Vietnã, envolvendo um grande número de jovens. No mesmo país surgiu o movimento hippie, na Califórnia, que propôs uma forma nova de vida, que contrariava os valores morais e de consumo norte-americanos, propagando seu famoso lema: “paz e amor”. Na Europa, aconteceu o “Maio de 68”, em Paris, quando estudantes ocuparam a Sorbonne, pondo em xeque a ordem acadêmica estabelecida há séculos; somou-se a isso, a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista. O movimento alastrou-se pela França, onde os estudantes tentaram uma aliança com operários, o que teve reflexos em todo o mundo. Foi também nos primeiros anos da década que foi lançada a pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha. (PINTO, 2010, p. 16)

Apesar da década de 1960 ter sido uma época repleta de acontecimentos importantes para a história mundial, e em particular de extrema censura e repressão no Brasil, visto que nesse período instaurava-se o Regime Militar, ainda assim, as ideias/ideais dessa “onda” do

Feminismo conseguiu alcançar diversas brasileiras e brasileiros, principalmente os exilados que tiveram contato com experiências feministas no exterior.

A Revolução Cultural, ocorrida no fim dos anos 60 e caracterizada pela negação das relações de poder, pela concessão do direito ao aborto, pela legalização do divórcio e da educação sexual, contribuiu para que o regime ditatorial associasse o movimento feminista ao comunismo. Ambos atrairiam a juventude para o mal representando, segundo o governo brasileiro, uma ameaça à ordem, à moral e à família. (MOTTA apud ZUCCO, 2005, p. 7)

Contudo, o Feminismo ganha inserção e visibilidade, no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, principalmente, porque a partir dessa nova “onda”, um novo público também é inserido nessa luta feminista, como por exemplo, Heleith Safiotti (1934-2010) que apresenta-nos uma forma diferente (porém, não é inédita) de analisar a relação da mulher na sociedade na sua tese de livre-docência defendida em 1967 e publicada posteriormente, uma visão que percebe “A inclusão do gênero como uma clivagem significativa, ao lado da classe social.” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 29), a qual parte de um referencial marxista.

Nesta etapa do movimento feminista surgem nomes como Katherine Murray Millett (1934-2017) mais conhecida como Kate Millet, escritora e ativista feminista, defendeu na sua tese de doutorado - que depois de publicada em 1970, tornou-se o mais famoso de seus livros, “*Política sexual*” - uma crítica sobre o sexismo, especificamente, sobre a política de controle da sexualidade feminina nos séculos XIX e XX. Ou, Margaret Hilda Roberts (1925-2013), britânica conhecida apenas como Margareth Thatcher, um exemplo de radicalismo e inflexibilidade, o que a fez receber o apelido de Dama de Ferro; a primeira mulher a tornar-se Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha.

A universalidade da categoria mulher e do próprio discurso feminista apresentada durante a primeira e segunda onda foi extremamente útil, como afirma a professora do departamento de História da UnB, Susane de Oliveira (2016), numa entrevista, pois serviu para unir e fortalecer o movimento de mulheres para conquista de determinados direitos, mas no interior do próprio movimento, começou a surgir uma série de tensões e conflitos, o que a professora chama de Feminismos dissidentes, os quais começam a questionar essa universalidade da categoria mulher, e questionam também esse Feminismo baseado apenas na opressão dos homens contras as mulheres.

A partir de então, o próprio movimento feminista, também influenciado por outras organizações políticas e movimentos sociais, critica seu caráter burguês-liberal de outrora, fazendo recortes de classe e raça, relações de poder e transversalidade de opressões estruturais (...). Assim, elevam-se as vozes das mulheres negras e pobres subjugadas dentro do movimento. (BITTENCOURT, 2015, p. 201).

Segundo Miguel e Biroli (2014), Judith Butler, na posição de pós-estruturalista, trás através de seus escritos e estudos, provocações à universalidade outrora apresentada por outras autoras feministas. Butler é o nome mais conhecido da corrente teoria *Queer*.

El movimiento *queer* puede interpretarse como La respuesta ante los ataques contra lesbianas, gays, transexuales⁶ y travestis⁷. Se trata de un fenómeno social, una postura política y una reflexión teórica que aglutina a miembros de grupos muy diferentes. (...) Esta teoría cuestiona La consideración tradicional de los sexos, los géneros y la sexualidade como algo estable. La *Teoría Queer* parte de que La orientación sexual y la identidad sexual o de género son construidas socialmente. Por tanto, no hay papeles sexuales determinados biológicamente em la naturaleza humana, sino formas socialmente variables de representar uno o vários papeles sexuales. (MORA, 2009, p. 273-274)

A teoria *Queer* (*queer*, do inglês, quer dizer, estranho, singular, raro) nasce a partir do Feminismo e do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), trazendo reflexões sobre gênero e sexo, na tentativa de desnaturalizar a dicotomia homem/mulher, já que a discussão sobre gênero é bastante presente nos estudos feministas do século XX. Donna Haraway, assim como Butler, considera que tanto o gênero como o sexo são construções culturais superáveis, mas “para esta autora, a tecnologia pode ser a base da mudança radical nas relações entre os sexos, que é o objetivo do pensamento feminista.” (MORA, 2009, p. 276).

Ainda no contexto da segunda onda, surge a utilização do termo “gênero” no campo da medicina psiquiátrica, e com ela, a discussão sobre o par gênero/sexo, o primeiro referindo à construção social, e o segundo ao fenômeno biológico (MARQUES, 2015). Fato este, que deu margem para que discurso de Feminismo universal que vinha sendo prioritário perdesse ainda mais credibilidade e aceitação dentro do movimento de mulheres, onde as mesmas estavam manifestando suas diferenças dentro da diferença.

Pinto (2010) afirma que é possível perceber que o Feminismo nessa nova fase, aparece, portanto, como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação - mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. A década de 1960 também foi responsável pela descoberta da pílula contraceptiva, a qual foi usada como estratégia e mecanismo para a liberação da sexualidade feminina e para a ruptura com a dominação masculina, conseqüentemente base para a

⁶Pessoa que se identifica com o rol de gênero associado ao sexo oposto e que procura modificar seu corpo para adaptá-lo ao dito sexo.

⁷Indivíduo, mais comum entre os homens, que imita as formas de vestir do sexo contrário. Em alguns casos revela uma tendência homossexual, embora não seja necessariamente.

revolução sexual, mas os custos sociais para o exercício do direito à livre escolha foram altos, sobretudo para a saúde das mulheres. E com base nessa concepção, feministas criaram e deram popularidade ao discurso “meu corpo me pertence”, o qual serviu de base para outras palavras e frases de ordem usadas durante manifestações posteriores, como a frase “meu corpo, minhas regras” entre outras.

A década de 1960 é de fato aquela em que a sociedade ocidental demonstra, pelos movimentos públicos reivindicatórios, com presenças maciças de manifestantes, que está saturada das utopias que a marcaram desde o início da modernidade, no século XIX. A crença nessa modernidade que acenava com a possibilidade de emancipar a todos que dela participava foi aos poucos se desfazendo. As reações decorrentes das desilusões com os valores do mundo capitalista e socialista disseminaram-se pelo ocidente, tornando-se comuns manifestações em prol de um mundo novo. (DINIZ, 2009, p. 1541).

Em 1968, uma das coisas que as pessoas mais lembram, é das palavras que eram escritas nos muros, nas paredes, nos cartazes. “Os muros falaram”, em 1968. E pelas palavras de Pedro (2008) esta fala era ousada, bem humorada e desafiadora. Há quem diga que o Feminismo de segunda onda, não tem relações com os acontecimentos de 1968, entretanto essa afirmação torna-se contraditória e nula quando entendemos que o movimento feminista (mas não só ele) é produto das relações e episódios da época em que está inserido, logo, o Feminismo foi sim, contemporâneo dos movimentos de 1968, pois conviveu direta e indiretamente com as revoltas, com as palavras de ordem e com os muros.

Além das muitas manifestações intelectuais através de conferências, palestras, seminários, congressos, reuniões e encontros, as feministas de segunda onda manifestaram-se fisicamente, e um dos maiores exemplos que marcou essa fase, foi o episódio que ficou conhecido mundialmente como a Queima dos sutiãs, o qual contou com a participação de cerca de 400 (quatrocentas) ativistas do WLM (*Women’s Liberation Movement*) (CONSOLIM, 2017, p. 3).

Em 7 de setembro de 1968, centenas de mulheres se reuniram em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss America, na cidade de Atlantic City (EUA), para protestar contra a ditadura de beleza imposta às mulheres da época. As manifestantes levaram alguns símbolos da feminilidade, ou instrumentos de “tortura”: sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e, claro, os sutiãs. Esses objetos foram reunidos e colocados em uma lata de lixo para serem queimados. Mas a prefeitura não autorizou o uso de fogo. O episódio ficou conhecido como *Bra-burning* (ou *Queima dos sutiãs*), tornando-se um marco da luta feminista. (BELNHAK; DIAS, 2012, p. 1).

E, apesar de não ter ocorrido como planejado, esse episódio foi um dos responsáveis por influenciar diversas manifestações ao redor do mundo, não apenas dentro do movimento

feminista, mas, no cerne de outros movimentos sociais que dentro de sua agenda traziam questões contra o sexismo, racismo, militarismo e outras causas que interligavam e/ou interligam esses movimentos no que se refere à esfera do social.

Por conseguinte, a segunda onda do movimento feminista desencadeada em meio a todos os acontecidos desde a década de 1960 a meados de 1980, pelos quais (como supracitado) foi influenciada direta ou indiretamente, teve como pauta de reivindicações as lutas de liberação feminina, questões vinculadas à sexualidade e aos direitos reprodutivos, direito ao prazer feminino, direito ao corpo, discussões sobre o aborto e maternidade, valorização da mulher e questões contra violência doméstica. E como resultado da luta desta época temos a criação de alguns dispositivos e mecanismos importantes para a causa feminista, como a criação e organização de diversos grupos de análise, estudo, discussão e debates sobre esses temas, sustentados pelas ideias feministas trazidas pelas brasileiras anistiadas que retornaram ao país e se engajaram nas lutas políticas, com o intuito de espalhar ainda mais as ideias desse movimento de mulheres para todas as camadas da sociedade.

Um dos problemas do pensamento feminista da segunda onda era perceber o movimento como um projeto único, moldado para a mulher branca, ocidental, de classe média, instruída (BELNHAK; DIAS, 2012). Todavia, o questionamento de Sojourner Truth lançado no seu discurso proferido em 1851, ainda no contexto da primeira onda, demonstra de longa data a insatisfação da categoria mulher negra para com a agenda sustentada pelo Feminismo majoritariamente branco e classista da época, tão logo, as mulheres negras, lésbicas, indígenas, pobres, oriental, sem instrução, e etc., do século XX também não manteriam silêncio diante de sua insatisfação, de tal forma que uma nova visão de cunho relativista (que considera as diferentes categorias de mulheres, com seus aspectos culturais, sociais e étnicos) é inserida nas discussões, e conseqüentemente, o antigo modelo de mulher (a mulher branca, ocidental, de classe média, instruída) entrou em crise e um novo perfil (plural) começou a aparecer (CONSOLIM, 2017), dando espaço para o surgimento de um novo momento e uma nova fase para o movimento.

1.3 Terceira Onda

Observando a evolução histórica do discurso feminista desde as primeiras manifestações até o século XX, percebe-se a gama de diferentes vertentes desse movimento, as quais abrangem as reivindicações de diversos “estereótipos”, surgindo termos como “Feminismo Liberal”, “Feminismo Socialista”, “Feminismo Negro”, “Feminismo Radical”,

“Feminismo Lésbico”, entre outros. Dessa forma, a terceira fase do movimento feminista vem dando sinais de que se fará necessária desde o final do século XIX, intensificando-os nos anos 1980, para, finalmente ter seu desdobramento a partir dos anos 1990, com o pensamento de que as mulheres são diversas e que necessitam de demandas específicas, e é esse o momento que o movimento começa a fragmentar-se, ao mesmo tempo que pluraliza-se, no sentido de que o Feminismo é dividido para satisfazer as especificidades de cada categoria de mulher que surge a partir de então, mas por outro lado, pluraliza-se no que se refere à quantidade, visto que agora não se trata mais de Feminismo no singular, mais sim, Feminismos, no plural, pois para discutir as questões femininas faz-se necessário identificar e distinguir, quem fala, de quem se fala e para quem se fala, considerando sobretudo, classe, raça e sexualidade.

Ávila (2007) declara que é por isso, a necessidade de radicalizar, não no sentido estrito da palavra, mas no sentido de viver o conflito interno no movimento – enfrentando democraticamente as várias tendências e proposições – de produzir conflito na sociedade em torno das suas proposições, de entender que radicalizar também é ser referência para outras mulheres fora do espaço da sua própria organização. É nesse contexto de terceira onda que muitas das teorias feministas passam a receber uma leitura pós-estruturalista fundamentadas nas ideias de Foucault, Derrida e Deleuze (ONDAS, 2018), por exemplo, e também, que diversas vertentes de Feminismos começam a ganhar visibilidade dentro do movimento.

A título de exemplo, o Feminismo Negro - um movimento social protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. Destacam-se Angela Yvonne Davis (1944), Gloria Jean Watkins (1952) mais conhecida pelo seu pseudônimo: Bell Hooks, Audre Lorde (1934-1992), Patrícia Hills Collins (1948) e Bárbara Smith (1946), como algumas das autoras que tratam do Feminismo negro, as quais, segundo Miguel (2014), confrontam tanto o predomínio masculino no movimento negro quanto a predominância branca e burguesa no Feminismo, apresentando novas pautas de reivindicações e também um novo enquadramento teórico para a compreensão dos problemas de dominação.

“O desafio do século XXI não é reivindicar oportunidades iguais para participar da maquinaria da opressão, e sim identificar e dismantelar aquelas estruturas nas quais o racismo continua a ser firmado. Este é o único modo pelo qual a promessa de liberdade pode ser estendida às grandes massas”. (DAVIS apud HAILER, 2015, p.5)

Ou seja, Davis reclama que não adianta clamar por igualdade entre os sexos apenas para participar da máquina opressora, é preciso ir para além disso, é preciso reestruturar, afim de

que a liberdade alcance as grandes massas, no caso do Feminismo: a mulher negra, e como ressalta Carneiro (2006) este novo olhar feminista e antirracista representa uma nova identidade política, decorrente da condição específica do ser mulher negra.

O Feminismo Radical, que segundo Silva (2008) consiste em uma corrente feminista que se assenta sobre a afirmação de que a raiz da desigualdade social em todas as sociedades até agora existentes tem sido o patriarcado, a dominação do homem sobre a mulher, o Feminismo liberal, Feminismo marxista, Feminismo interseccional, Feminismo socialista, Feminismo acadêmico, Feminismo fundamentalista, entre outros, são vertentes e ramificações do Movimento Feminista desenvolvidos a partir da necessidade de inserir diferentes categorias de mulheres no contexto de reivindicações femininas. Portanto, vê-se que o Feminismo não tem uma história única e linear, pois sua história perpassa pela luta de outros grupos sociais e ainda é moldada pelo contexto social da época, portanto:

Quando falamos em Feminismo, não é possível negligenciar a pluralidade de abordagens à questão. Diferentes perspectivas históricas somam-se às diferentes abordagens das feministas inglesas, norte-americanas, russas, francesas, italianas, latino-americanas... A tais abordagens somam-se, ainda, destaques para questões – de gênero, classe social, raça, orientação sexual, entre outras – na constituição dos movimentos feministas. (AIUB, 2016, p. 63).

Além dessa visão relativista incorporada na terceira onda e a ampliação dos movimentos pela igualdade legal e social das mulheres, a década de 1990 trás a popularização da internet para dentro do movimento feminista, visto que o uso da internet revolucionou e revoluciona ainda hoje a forma como o Feminismo vem sendo trabalhado na sociedade desde então.

Com a popularização da rede, uma nova plataforma de organização pode ser absorvida pelo movimento. (...) A geração posterior aos anos 1990 se encontra online para provocar e, principalmente, questionar condutas e atitudes pré-estabelecidas por uma cultura voltada a antigos padrões – que, para os “conservadores”, oscilam algo entre segurança e bons costumes. (...) É possível que estejamos imersos em uma quarta onda feminista, mas só teremos certeza depois da ressaca. (BELNHAK; DIAS, 2012, p.4).

Diante disso, os resultados dessa nova fase do Feminismo podem ser vistos tanto através da inclusão dos diferentes tipos de mulheres dentro da discussão, no I Seminário Nacional da Mulher Indígena (1992); no Seminário Nacional Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras, que contou com a participação de organizações negras, feministas e do meio acadêmico e foi um marco para o movimento de mulheres negras ao destacar, no seu documento final, as posições das mulheres negras referentes às questões da liberdade reprodutiva, o controle das mulheres negras sobre sua própria fecundidade e a exigência de políticas públicas na área da saúde, educação e emprego; na promulgação da Lei

Federal 9.100/95 - Lei de Cotas para Mulheres nas candidaturas para as eleições nas marchas e passeatas realizadas durante esse período, em especial a Marcha das Vadias, que é um movimento internacional de mulheres criado em abril de 2011 na cidade de Toronto, no Canadá, em resposta ao comentário de um policial que disse, que para evitar estupros em uma universidade, as mulheres deveriam parar de se vestir como “*sluts*” (vadias, em português), a partir daí, diversas manifestações semelhantes (*SlutWalk*, *Marcha de las Putas*, Marcha das Vadias) ocorreram em mais de 30 cidades, em diversos países (TIMELINEJS, 2009). Assim como também através da pluralização do movimento através da internet, e posteriormente das redes sociais.

Entretanto, e apesar de o movimento avançar desconstruindo padrões e modelos de universalidade, avança também a problemática, principalmente no que se refere à caracterização de um movimento feminista que está prestes a mudar de século, passando do Feminismo baseado no contexto do século XX, para um Feminismo do início do século XXI, o qual desafia as políticas públicas, como a professora Susane de Oliveira afirma quando lança o questionamento, “Como fazer políticas para as mulheres, especialmente no Brasil, na América Latina, quando essa categoria mulheres foi pluralizada e a gente tem aí a origem de vários movimentos e organizações com suas pautas específicas?” (DIÁLOGOS, 2016). Nesse período de transição entre os séculos, o Feminismo entrou em crise, a ponto de se perguntarem: “O Feminismo acabou?”. Segundo Oliveira e Silva (2016) havia um “Feminismo difuso”, que tomou novas formas, sob influência especialmente de suas movimentações distintas e complementares.

Esse Feminismo difuso não tem militantes nem organizações e muitas vezes é defendido por homens e mulheres que não se identificam como feministas. Também não se apresenta como um rol articulado de demandas e posturas em relação à vida privada e pública. Por ser fragmentado e não supor uma “doutrina” é um discurso que transita nas mais diferentes arenas e aparece tanto quando silencia o contador da anedota sexista como quando o programa de um candidato à Presidência da República se preocupa com políticas públicas de proteção aos direitos das mulheres. Um dos exemplos mais fortes dessa mudança de cultura na sociedade brasileira é a legitimidade que alcançou o Congresso Nacional e nos Legislativos estaduais a discussão sobre o assédio sexual, tema muito discutido pelas feministas na última década. (PINTO apud OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 798).

Não há dúvidas de que houve um progresso significativo no que se refere à igualdade de gênero e direitos humanos, isso não quer dizer que o Feminismo acabou, pelo contrário, a luta ainda é constante em defesa desse movimento, mas é válido refletir qual é a atual luta, quais são as questões levantadas e quais os mecanismos usados pelo movimento, que mesmo depois de alcançar grande parte dos objetivos de primeira e segunda onda, e incluir tais preocupações

na sociedade, continua com força vital, e ainda mais abrangente, visto que, as mídias e, principalmente, as redes sociais, dão força e liberdade para expressar opiniões favoráveis e contrárias ao discurso feminista. É possível que estejamos imersos em uma quarta onda feminista, mas só teremos certeza depois da ressaca, como afirmaram Belnhak e Dias no artigo publicado em 2012 no site colaborativo FACOS. Assim como também é possível que o impacto e conseqüentemente a pluralização do discurso feminista através de compartilhamentos nas redes sociais possam ter engendrado um caminho para o Feminismo contemporâneo, no contexto e nos moldes de uma geração online.

2 O IMPACTO DO DISCURSO FEMINISTA ATRAVÉS DE COMPARTILHAMENTOS NAS REDES SOCIAIS.

Quando todos imaginavam que a verdadeira revolução aconteceria com a chegada do homem à Lua, alguns integrantes do Departamento de Defesa dos Estados Unidos tiveram a idéia de criar um sistema de comunicação que não pudesse ser destruído por bombardeios e fosse capaz de ligar pontos estratégicos, como centros de pesquisas e bases das Forças Armadas. Os militares norte-americanos sabiam que possuir um meio de comunicação eficiente poderia ser a diferença entre ganhar ou perder uma guerra, como de fato já havia sido exaustivamente comprovado ao longo da História. E observaram também o advento dos computadores e dos transistores, cujo uso, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, crescia em progressão geométrica. (...) E deu certo. Não para os militares nem para os efeitos de guerra fria, que fique bem claro, mas para a própria comunidade acadêmica, que desenvolveu uma ferramenta sem precedentes para se comunicar à distância. Algo inimaginável até então. (VIEIRA, 2003, p. 3-4).

Como disse Vieira (2003), a origem da internet remonta a fins da década de 1960, quando o Exército dos Estados Unidos com o objetivo de disputarem o poder mundial com a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), peritos militares norte-americanos desenvolveram um sistema de comunicação (ARPANET), que era a rede da Agência de Investigação de Projetos Avançados dos Estados Unidos. Todavia, foi dentro da comunidade acadêmica com o apoio financeiro do órgão responsável pelo desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas para fins militares do governo norte-americano (Arpa), que desenvolveram uma rede de comunicação à distância.

A rede funcionou pela primeira vez em janeiro de 1972, interligando quatro computadores em locais distintos, todos na costa oeste dos EUA: Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Instituto de Pesquisas de Stanford, Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e Universidade de Utah, em Nevada. Os cientistas responsáveis pela façanha enviaram da UCLA uma mensagem de saudação com o texto: “Você está recebendo isso?”. Minutos depois, as respostas positivas (“Sim!”) das outras três localidades mostravam que a experiência fora bem-sucedida: era possível se comunicar à distância enviando informações de um computador para outro, através dos cabos subterrâneos que formavam a infraestrutura de telecomunicações americana. (VIEIRA, 2003, p. 5)

Apesar de a rede comunicação/internet não ter sido criada para os fins que hoje é usada (em grande parte) e ser relativamente uma criação recente, com o passar dos anos e com o surgimento das redes sociais, ela ganhou força e notoriedade dentro da sociedade, não só por interligar e conectar pessoas no mundo inteiro objetivando a interação social, mas também, para servir de plataforma para manifestações e mobilizações sociais, pois não há como negar que vivemos em uma sociedade online, poucas são as pessoas que não estão conectadas atualmente, e que as redes sociais já fazem parte da vida da maioria das pessoas, seja por meio de uma mensagem no WhatsApp, um *post* no Instagram, um compartilhamento no Facebook, um *tweet* no Twitter e etc., todos os dias milhares de pessoas estão conectadas trocando informações e se comunicando através da internet, e a velocidade com que essas informações são transmitidas é impressionante.

João de Fernandes Teixeira, Phd pela *University of Essex* (Inglaterra) e professor na UFSCAR cita um exemplo pertinente no contexto dessa “sociedade online”, no seu artigo “*Homo virtualis*” publicado na revista *Ciência&Vida: Filosofia*:

Há poucas semanas, visitei um vilarejo de pouco mais de 2 mil habitantes no Tocantins. Um lugar muito pobre. Todos tinham celulares, adultos, crianças. As poucas salas de aula da única escola ficavam lotadas, dia e noite. Todos queriam aprender a ler e a escrever, para poder usar o WhatsApp. Ou o “Zap-Zap”, como eles chamavam. (TEXEIRA, 2017, p. 61).

E, finaliza o parágrafo com a seguinte pergunta: “Será que essas pessoas, vivendo de uma agricultura familiar precária e do Bolsa Família, estariam tão mobilizadas para se alfabetizar se não tivessem celulares?”. Abreu (2009) afirma que a construção social deriva da maneira como os componentes do grupo estabelecem os parâmetros de comunicação entre si, e para reforçar a ideia de que podemos estar diante de um novo processo antropológico, cita Turner e Muñoz (2002) quando afirmam que “Os gestos definiram a estrutura social do Homem Neanderthal. A escrita e a pintura definiram o Cromagnon, e o *bit*⁸ definirá o ser Infossocial.” (ABREU, 2009, p. 3). Logo, uma possível resposta à pergunta do professor, seria que para fazer parte da construção social e desse “novo processo antropológico” carregada de informações virtuais, os celulares certamente estimularam a mobilização de pessoas para buscarem a alfabetização.

O uso das mídias sociais tomou uma proporção muito significativa dentro da nossa sociedade. Pois, enganam-se quem pensar que a internet, mais especificamente as mídias e

⁸ A sigla **bit** significa em português “dígito binário” e refere-se à menor unidade da Computação. Tudo na informática é medido através de bits ou bytes.

redes sociais servem ou são usadas apenas para entretenimento, elas tornaram-se um meio de propagação da informação, ferramenta de divulgação e diálogo, e como Francisco Bosco, no seu livro *“A vítima tem sempre razão”* resolveu chamar, e é uma expressão que define muito bem as redes sociais para o desenvolvimento deste estudo, o “novo espaço público”, pois para Bosco (2017) foi uma mudança fundamental no domínio da comunicação. E, convenhamos que a internet oferece uma gama de possibilidades aos usuários, que a grande mídia ou o espaço público utilizado anteriormente com maior intensidade não poderia oferecer, favorecendo a liberdade de expressão, pensamento e o diálogo com opiniões diferentes.

Um excelente exemplo para compreendermos a internet como um novo espaço público político-social, - a nível internacional, mas que serviu de inspiração e incentivo para futuras mobilizações brasileiras a nível nacional -, é a “Primavera Árabe”, que foi uma onda de manifestações e protestos ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África nos anos de 2010 e 2011, na qual envolviam greves, manifestações, passeatas e comícios, e principalmente o uso do Facebook, Twitter e do Youtube para transmitir o que estava acontecendo naquela região para o resto do mundo, e a revolta da população contra os governos ditatoriais como o da Tunísia e do Egito, por exemplo. Nesse período essas redes sociais foram tomadas por postagens a respeito do Mundo Árabe, fotos, vídeos e relatos de quem estava passando por aquela experiência, além de comentários de pessoas do Mundo Ocidental que estavam bem longe desses protestos, mas que estavam acompanhando e mandando mensagens de apoio ou críticas através das redes.

Outro excelente exemplo que demonstra o poder e alcance das redes sociais dentro da sociedade – desta vez, a nível nacional -, é o Twitter oficial do Senado Federal do Brasil (ver anexo A), com o nome de usuário @SenadoFederal, ingressou nessa rede social em 2009 e atualmente possui mais de 780 mil seguidores, usado única e exclusivamente para fins oficiais, onde grande parte das atividades realizadas no Senado são compartilhadas e divulgadas através de “*tweets*” onde qualquer cidadão, brasileiro ou não, o qual esteja conectado à essa rede social pode ter acesso a essas informações, e até mesmo os que não estiverem conectados ao twitter, pois podem acompanhá-los através da TV, quando estes são repassados nos telejornais.

Existem diversas personalidades e instituições públicas com perfis ativos nesta e em outras redes sociais, transmitindo e divulgando informações relevantes para a sociedade. À vista disso, conferimos que as redes sociais são uma nova forma de sociabilidade, assim como

uma nova forma de participação na vida política, pois como vimos através dos exemplos citados acima, além de entretenimento elas podem proporcionar um espaço para discussões onde a comunicação é potencializada e casos da vida real ganham força, culminando em resultados antes nunca esperados, pois a velocidade com que as informações circulam dentro das redes é admirável e quanto mais é discutido sobre um assunto, mais ele é disseminado, e mais pessoas ficam sabendo sobre ele. Muitos ativistas fazem uso dessas redes justamente para externar ações, ideologias e narrativas do movimento social do qual faz parte, a fim de popularizar seu discurso, alcançar mais adeptos e colocar suas pautas e reivindicações no centro do debate, criando assim duas categorias exclusivas do século XXI: o ativismo online (ação) e os militantes/ativistas digitais (agentes).

Como vimos anteriormente o movimento feminista atravessou décadas e enfrentou conflitos de várias épocas, alcançou muitos objetivos, expandiu seu discurso por diversos lugares, e ainda assim permanece com força vital numa sociedade e numa época completamente diferente da qual a primeira, a segunda e a terceira onda desse movimento pertenceram. E, parte disso deve-se à sua pluralização, pois o novo Feminismo que surge nesse mundo virtual e online, é multifacetado, como vem sendo desde a terceira onda, e nesse momento, o termo mais adequado seria Feminismos, para assim abranger todas as faces do movimento, com perspectivas e métodos de abordagens diferentes. Pois, ele é um desses movimentos que usam as redes sociais como uma plataforma de divulgação, mas também de sociabilidade, que através de seus militantes digitais, faz com que o seu discurso seja disseminado, expondo aos internautas reivindicações, pautas, agendas, ações, e etc., para que aqueles que ainda não tiveram contato com o Feminismo passem a conhecê-lo através de compartilhamentos nas redes, e para que aqueles que já tiveram contato com o movimento exponham suas experiências.

Com essa ferramenta nas mãos, essa geração de feministas do século XXI, tem velocidade de informação e conseqüentemente um público muito maior se comparado ao público que as pioneiras tiveram, pois como foi relatado em algumas cenas do filme inglês: “As Sufragistas” - lançado no ano de 2015 no Brasil e dirigido por Sarah Gavron - para serem ouvidas por outras mulheres, as que já se identificavam como feministas tinham que fazer reuniões às escondidas, portanto, o público era bem menor do que vemos hoje, isso, quando conseguiam convencer outras mulheres a participarem, pois todos sabiam quais eram as conseqüências dos atos protagonizados por mulheres, pelas feministas naquela época. Já para a nova geração onde o sujeito político do Feminismo pertence a uma sociedade online, basta

publicarem um *tweet*, uma foto no Instagram ou um vídeo no Youtube e conseguem alcançar milhares de mulheres, organizar campanhas de alcance regional, nacional e/ou internacional sem ao menos sair de casa e, muito menos serem presas simplesmente por serem feministas.

A exposição midiática dos acontecimentos ganhou ainda mais visibilidade, espectadores e promotores das notícias com o advento das redes sociais, isso é nítido quando, por exemplo, ocorre um acidente no trânsito numa rua movimentada de uma cidade X, e observando entre os espectadores daquele evento, facilmente encontramos alguém com a câmera do celular ligada, apontada para o local do acidente, fotografando ou filmando aquela cena, para instantes depois compartilhar em alguma de suas redes sociais. E, em meio a essa crescente exposição midiática e uma grande mobilização feminina dentro das redes políticas e comunicacionais feministas, surge o que ficou conhecido como a Primavera Feminista ou Primavera das Mulheres (certamente uma analogia à Primavera Árabe), um marco para o Feminismo brasileiro. A aprovação do projeto de lei (PL) 5069/2013 que tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas para quem induz a gestante à prática de aborto (BRASIL, 2013), e que teve como um de seus autores o deputado e presidente da câmara (nesse período), Eduardo Cunha – PMDB/RJ; e uma série de comentários de cunho sexual dirigidos por pedófilos à Valentina Schulz através das redes sociais da garota de apenas 12 anos (na época), participante do MasterChef Júnior, programa exibido na TV Bandeirantes em 2015, são alguns dos dados que certamente contribuíram para a organização e desenvolvimento da Primavera das Mulheres, entre outros que também circularam nas redes durante esse período.

Nesse momento espalha-se uma onda de manifestações nas redes sociais e fora delas, desencadeadas por campanhas que usaram as *hashtags* (no Twitter) como mediadoras políticas. Analisando o quadro abaixo (Quadro 02: Campanhas feministas em *hashtags*) podemos perceber que a maioria dessas campanhas implica em algum caso ou acontecimento específico que gerou indignação e conseqüentemente impulsionou as discussões geradas posteriormente. Contudo, as campanhas que não foram citados casos específicos como ponto de partida para desencadear a discussão sobre o tema, não quer dizer que aconteceu de repente e por acaso, pelo contrário, cada manifestação, seja ela online ou nas ruas gritando palavras e frases de ordem em busca de igualdade e em defesa dos direitos das mulheres, é resultado da soma da insatisfação, indignação e cansaço coletivo, indivíduos insatisfeitos com a naturalidade com que a sociedade trata assédio sexual, indignados com a inversão de papéis (vítima/assediador) e cansados de retrocesso no que se refere aos direitos femininos.

À vista disso, esse “boom” da voz feminina nas redes sociais, despertou a sociedade brasileira para temas que antes eram minimamente discutidos, e como disse Milena Wittekind, na sua pesquisa sobre o empoderamento feminino em 2016, a partir desse movimento o Feminismo conquistou voz nas ruas, na internet, na mídia e na vida, principalmente, das mulheres. No quadro abaixo podemos observar quais os principais temas discutidos nas redes sociais a partir dessa mobilização online.

Quadro 02: Campanhas feministas em hashtags

Campanha	Hashtags	Casos/Acontecimento
Contra o assédio sexual sofrido por mulheres desde a infância.	#MeuPrimeiroAssedio	Valentina Schulz, de 12 anos. (Ver anexo D)
Denúncias de comportamentos machistas ocorridos no dia a dia das mulheres que passam despercebidos pela sociedade e não são tratados como questão. (Ver anexo D)	#MeuAmigoSecreto	-
Contra a violência sexual.	#EstuproNuncaMais	Caso de estupro coletivo a uma adolescente, no Rio de Janeiro.
A favor de visibilidade e maior ocupação de mulheres nos espaços masculinos de fala na mídia.	#AgoraÉQueSãoElas	-
Contra assédio sexual em locais públicos.	#ChegadeFiuFiu	-
Contra violência sexual e assédio sexual no ambiente de trabalho.	#MexeUcomUmaMexeUcomTodas	Susllem Meneguzzi Tonani, figurinista da Rede Globo, denuncia o ator José Mayer, em carta aberta ao Jornal Folha de São Paulo, de assédio e constrangimento.
Criada como uma rede de proteção e prevenção das próprias mulheres contra a violência em espaços públicos, no intuito de não andarem sozinhas pelas ruas.	#VamosJuntas?	Babi Souza, jovem de 24 anos, do Rio Grande do Sul, percebeu como era reconfortante encontrar outra pessoa do mesmo sexo em situações de risco.
Criada como um ato de repúdio à aprovação do projeto de lei (PL) 5069/2013 de autoria de Eduardo Cunha e outros.	#MulheresContraCunha	Originada de manifestações vindas da rua, contra a PL 5069/2013, para as redes sociais. (Ver anexo D)
Em apoio ou discordância da exaltação dos estereótipos de mulher exibidos na mídia.	#BelaRecatadaedoLar	Publicação da revista Veja, sobre Marcela Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff. (Ver anexo D)
Contra o racismo e abusos sofridos pelas mulheres negras.	#MarchadasMulheresNegras	-

Fonte: Adaptada (REIS, 2017).

E dessa forma, diversas outras campanhas e plataformas em apoio à luta das mulheres foram criadas e compartilhadas nos anos que se seguiram, e assim como as dos anos anteriores, se estenderam para além do Twitter, despertando o interesse e a curiosidade de mais pessoas sobre essas temáticas, como por exemplo as *hashtags*: #EpelaVidadasMulheres, #SouPrincesaSouReal, #MeuMotoristaAbusador, #SomosTodosMaju, #NaoTiraoBatomVermelho, #EleNao, entre tantas outras.

O vídeo “Tour pelo meu corpo – Expectativa vs Realidade”, publicado em dezembro de 2017 em um canal no Youtube chamado “Ellora” com mais de 1 milhão e 300 mil inscritos, é um dos muitos exemplos de conteúdo regular de cunho feminista (neste caso abordando o empoderamento feminino e a aceitação do corpo), publicados nas redes sociais com um alcance outrora inimaginável, pois esse vídeo por exemplo, alcançou mais de 4 milhões de visualizações e mais de 16 mil comentários (ver anexo B), entre eles relatos de internautas onde a maioria conta como esse vídeo ajudou na sua auto estima e na aceitação do seu corpo como ele é, além de parabenizarem a *youtuber* por ter tido a coragem de falar de um tema como esse, tão abertamente e com tanta sinceridade, sem eufemismos, fazendo uma crítica ao “padrão” de corpo exibido nas redes sociais.

No Instagram, se pesquisarmos a *hashtag* (#Feminismo), encontraremos mais de 1 milhão e 300 mil resultados de publicações (ver anexo C), e diversos perfis com públicos-alvo variados, criados propriamente para divulgar imagens, frases, textos, questões e ações de cunho feminista regularmente (ver exemplos, anexo D), ou seja, mais uma TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), usada pelo CiberFeminismo, um Feminismo atualmente construído por *hashtags* e *posts* nas redes sociais, versátil e adaptável às mudanças recorrentes nas convenções estabelecidas ao longo da história, movimento exclusivo da ordem sociotécnica contemporânea, mas é válido salientar que esse modelo de Feminismo vem sendo discutido desde o final do século passado, Mora (2009), no capítulo destinado ao pensamento feminista do seu livro: *Lecturas de filosofia*, já adiantava:

Nos últimos anos, **Donna** Haraway, - *Ciências cyborgs e mulheres. A reinvenção da natureza* (1991) – tem oferecido uma proposta original, também muito influenciada pelo pós modernismo. (...) Retomando algumas das ideias de Shulamith Firestone, Haraway sustenta que o desenvolvimento tecnológico há de ser uma força libertadora. Para esta autora, a tecnologia pode ser a base da mudança radical nas

relações entre os sexos, que é o objetivo do pensamento feminista. ⁹(MORA, 2009, p. 257)

As TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) possibilitaram que os métodos de organização de vários movimentos sociais fossem renovados e assim tornados mais acessíveis. Thaysa Malaquias, uma das colaboradoras do coletivo “Não me Khalo”, site de uma ONG que tem o mesmo nome do coletivo, e que acreditam na força da informação e do diálogo educativo como instrumentos para atingir a emancipação feminina, em uma de suas publicações periódicas afirmou que a popularização das redes sociais permitiu ao Feminismo, por exemplo, produzir novas construções de seus discursos, novas linguagens e concepções, e que hoje, elas, os sujeitos político desse Feminismo contemporâneo, utilizam essas tecnologias, como a internet, não só para problematizar e colocar em pauta as questões sobre o “ser mulher”, mas também para organizarem-se politicamente, através de textos, blogs e vídeos, assim como em forma de arte.

Antes reivindicavam direitos civis fundamentais para terem uma vida pública e serem consideradas cidadãs, na atualidade com as TIC's possibilitando novas construções de seus discursos, novas concepções e linguagens, as mulheres além de buscarem maior participação política, legalização do aborto, proteção e políticas mais eficazes contra violência e assédio sexual, buscam também promover o empoderamento, aceitação e liberdade do corpo feminino longe da mídia tradicional que por anos propagou um padrão, no passado, pois atualmente observa-se uma mudança significativa quanto a essa propagação de um padrão de estereótipo feminino nas grandes mídias e provavelmente também seja por consequência das mobilizações feminina na internet.

Considerando que antes mesmo do advento da internet, o Movimento Feminista (entende-se aqui o movimento como um todo) já era pluralizado, com o surgimento da internet e das redes sociais ele ganha ainda mais ramificações, torna-se ainda mais plural, pois elas garantem liberdade de expressão superior a qualquer outro meio político-comunicacional usado pelo Feminismo na expansão e legitimação do seu discurso, além do mais, o CiberFeminismo surge num período em que as narrativas, as identidades e até mesmo as próprias tecnologias, são cada vez mais variadas. E, isso pode por um lado ser positivo e por

⁹ Texto original: “En los últimos años, **Donna Haraway** – *Ciencias, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza* (1991) – ha ofrecido una propuesta original, también muy influida por el posmodernismo. (...) Retomando algunas de las ideas de Shulamith Firestone, Haraway sostiene que el desarrollo tecnológico ha de ser una fuerza liberadora. Para esta autora, la tecnología puede ser la base del cambio radical en las relaciones entre los sexos, que es el objetivo del pensamiento feminista.”

outro ser negativo para o movimento, porque a mesma liberdade proporcionada para expandir e legitimar o discurso, abrir discussões relevantes e facilitar a compreensão das ideologias do movimento, está sujeita aos prejuízos ocasionados por ela mesma visto que a liberdade que esse ciberespaço propicia é uma via de mão dupla.

Bauman (2001) na sua teoria sobre a pós-modernidade, propõe uma reflexão sobre o conceito de liberdade, quando questiona se a mesma seria uma benção ou maldição, isto é, uma benção no sentido que o indivíduo pode agir conforme os seus pensamentos e desejos, e uma maldição no sentido das consequências que recaem sobre ele, principalmente a responsabilidade por seus atos e ações. O autor chega a afirmar que “Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. E são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo.” (BAUMAN, 2001, p. 15), e como podemos perceber através do breve contexto histórico do Feminismo como movimento social, é notável as mudanças e a sua admirável flexão e adaptabilidade, pois em cada etapa desse movimento encontramos características diferentes ajustadas à sua época, às suas necessidades e aos interesses sócio-políticos e pessoais dos envolvidos. Nesse sentido, podemos relacionar a teoria de liquidez de Bauman e o Feminismo, partindo da premissa de que ao adaptar-se aos interesses/necessidades dos sujeitos de cada período na história, tornou-se flexível a um ponto, que “as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar”.

O CiberFeminismo tem por essência não ser um movimento único, dado o espaço do qual se serve, de forma que se apresenta a diversos grupos de ativistas digitais feministas que utilizam a internet para trocar experiências, organizar-se politicamente e discutir questões vivenciadas no dia a dia de maneiras distintas, e por consequência disso, foi um movimento de suma importância para a construção do Feminismo contemporâneo, porque além de proporcionar novas formas de discutir as transformações nas convenções sobre a categoria “mulher”, facilitar a promoção de campanhas femininas através da criação de *hashtags* e publicações em coletivos, blogs e sites, fato que obviamente trouxe maior visibilidade, alcance e velocidade de informação ao movimento, contribuir na inserção de novos sujeitos políticos, proporcionou consequentemente, em alguns casos e momentos descredibilidade ao movimento, deslegitimação do discurso e criação e divulgação de estereótipos do sujeito político do Feminismo, pois como bem se sabe, são várias as nuances do movimento feminista, e a disseminação do seu discurso através de compartilhamentos nas redes sociais transformou o Feminismo num movimento sem fronteiras, que deu oportunidade de fala a

diversas vozes, entre elas, vozes feministas, anti-feministas, pessoas que buscam conhecimento sobre o assunto, pessoas preconceituosas com seus discursos de ódio, enfim, pessoas com diferentes perfis e interesses.

E na prática, o Feminismo contemporâneo é uma construção coletiva, na qual a sua vitalidade, adaptabilidade e capacidade de transformação contínua (características pontuais do movimento feminista desde a primeira onda até a atualidade, ele sempre se reinventa). Diferentes gerações de mulheres auto declaradas feministas ou não, mas pessoas dispostas a ouvir e aprender sobre o discurso/ideologia feminista, com diferentes perspectivas de Feminismo encontram-se através de suas disparidades e semelhanças, num espaço sem fronteiras, pois como Bauman (2001) disse em “Modernidade líquida”, para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Pois qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. E, esse espaço livre de barreiras e fronteiras para a contemporaneidade do movimento, nesse momento, encontra-se na internet, mas como foi dito anteriormente essa liberdade é uma via de mão dupla, portanto, nessa trajetória também encontram com pessoas que não compartilham do mesmo pensamento e tem a mesma liberdade e oportunidade de expor suas opiniões (liberdade de expressão).

E é nesse choque de opiniões que a credibilidade e qualidade da discussão podem ser comprometidas, não sabendo discutir “civilizadamente”, o debate provoca uma série de comentários ofensivos, violentos e injustos direcionados ao outro do qual diverge por exemplo, ou quando são compartilhadas informações falsas (*fake news*) na intenção de desacreditar o discurso do outro. Bosco (2017) no seu livro “A vítima tem sempre razão?” explica que essa nova arena democratizou a discussão, mas também elevou a voltagem dos radicalismos, à esquerda e à direita do espectro político, pois mesmo as lutas em defesa de causas justas, nesse caso o Feminismo, se transformam em puro linchamento virtual, com consequências traumáticas aos envolvidos, e também aos que acompanharam a discussão online.

Em consequência da liberdade e democratização da discussão, podemos encontrar nas redes sociais imagens de atos de protestos feministas, os quais na maioria das vezes são usados por críticos do movimento que generalizam essas práticas e criam um estereótipo do sujeito político do Feminismo com base nessas imagens ou eventos que de certa forma “espantam” a sociedade, pela forma radical e liberal como conduzem seus atos de protesto. A

Marcha das Vadias é um exemplo desse modelo de protesto. Gomes e Sorj (2014) concordam que a rapidez com que a marcha se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político, considerando que já no segundo ano de Marcha das vadias no Brasil – 2012 –, várias cidades brasileiras organizaram-se através do Facebook, Twitter, Youtube, blogs e emails. E é um exemplo muito utilizado (se não o maior) pelos (as) antifeministas para criticar o movimento, isto porque “o corpo tem um importante e duplo papel na *marcha*: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira.” (GOMES; SORJ, 2014, p. 437), para isso utilizam da sensualidade, do corpo nu e de várias formas de provocações (ver anexo E).

E, grande parte desses atos, a Marcha das vadias especialmente, são/estão ligados ou direcionados ao Feminismo Liberal (LibFem) – pelo menos dentro das redes sociais – e por consequência disso, dentre as vertentes e nuances do Feminismo este é o maior alvo de crítica e generalização (ver anexo E), certamente por ser uma vertente que tem como um de seus pilares a liberdade política, econômica e individual de cada um, e dentro desse discurso buscam mudar a sociedade transformando práticas e ideias culturais enraizadas usando o próprio corpo como ferramenta para isso. Como disseram ainda Gomes e Sorj (2014) ao dissertarem sobre as possíveis razões da “crise” do Feminismo contemporâneo, o Feminismo estaria hoje reduzido a “uma superexposição da sexualidade” das mulheres, que reproduzem “posturas tipicamente masculinas” e se comportam como “predadoras” sexuais. Esperança (2018) escreveu na sua coluna intitulada “O Feminismo contemporâneo”, que um determinado grupo de mulheres, tem associado o Feminismo ao contrário de machismo, optando por um comportamento essencialmente masculino, e repetindo algumas das características menos apreciáveis de alguns homens, e ainda, agindo de forma ininteligível, não se atentando para o fato de que ao repetir uma torpeza, tornar-se-á tão torpe quanto aquele que é imitado.

No Twitter através de uma busca simples pelo termo “libfem” (ver anexo E), podemos perceber o que o senso comum “online” (sem generalizar) está pensando a respeito destes atos, e que a maioria dos *tweets* coincidem com o pensamento acima disposto. Assim sendo, a imagem que “viraliza¹⁰” e ajuda a desconstruir, ou melhor, a enfraquecer o discurso do

¹⁰ É um termo que surgiu com o crescimento do número de usuários das redes sociais e blogs, e significa tornar viral; fazer com que algo seja compartilhado por um grande número de pessoas.

movimento é essa, de que o sujeito político do Feminismo é uma mulher vadia, no sentido de não ter pudor para com a nudez de seu corpo e tão pouco com as práticas sexuais (libertinas), mal amadas, feias, sem higiene, exibicionistas, entre muitos outros adjetivos nada gentis (ver anexo F). Dentro do próprio movimento feminista há discordâncias quanto a esse tipo de protesto, partindo da premissa de que são ações despolitizadas e que não problematizam de fato as questões mais importantes da causa. Todavia, é também através dessa imagem, ou desse estereótipo criado por um grupo, que muitas pessoas conhecem o Feminismo e constroem suas perspectivas do movimento, tendo a parte como o todo, ou seja, vendo o movimento como um todo a partir apenas da ótica destes atos, que na maioria das vezes são ridicularizados nas redes, certo que representam a atitude das feministas atuais, mas não de todas elas, nem de todas as vertentes, pois “a Marcha das vadias é uma expressão contemporânea do movimento feminista e ilustrativa da relação entre Feminismo e mídias sociais” (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 799).

É válido ressaltar mais uma vez que o Feminismo é plural, portanto são diferentes graus de institucionalização, diferentes identidades políticas e principalmente diferentes modos de expressão. De todo modo, percebemos que o Feminismo contemporâneo é construído dentro desse espectro de pluralidades, e por isso mesmo ele tenha fracassado ou obtido sucesso, visto que:

Enquanto para alguns a “crise” do movimento é explicada por seu fracasso em alcançar os objetivos almejados ou em manter sua “integridade” ideológica, para outros, é o seu extraordinário sucesso que o torna agora dispensável. (...) Por não ter logrado inculcar nas mulheres um desejo coerente por igualdade, a revolução feminista, além de incompleta, teria degenerado em demandas menos relevantes ou nobres. Por outro lado, abundam textos, debates e vídeos nas mídias em que o Feminismo é considerado obsoleto, não por seu fracasso, mas porque já teria cumprido sua missão, ao proporcionar às mulheres entrada no mercado de trabalho, liberdade sexual e oportunidades iguais aos dos homens. Na melhor das hipóteses, o Feminismo é uma relíquia ainda necessária às “outras” mulheres, que vivem em regiões remotas e atrasadas, longe de “nós”, como se pode depreender da conferência da escritora chilena Isabel Allende, assistida via internet por quase três milhões de pessoas. Há também quem considere que o sucesso do Feminismo foi longe demais: trouxe sobrecarga de responsabilidades às mulheres e desorientação aos homens, que não sabem mais que papel devem desempenhar, como expressam diversos blogs facilmente encontrados na internet. Assim condenado ao fracasso ou ao sucesso, o Feminismo teria deixado de representar adequadamente os anseios das mulheres de hoje e perdido a legitimidade como arcabouço ideológico e prática política. Essa mensagem de “crise do Feminismo” reflete parcialmente um sentimento compartilhado por muitas feministas que presumem que o legado de lutas das gerações dos anos 1970 e 1980 esteja se perdendo, uma vez que os/as jovens, ao crescerem em uma sociedade que ampliou as liberdades de escolha das mulheres, teriam perdido a noção da transformação histórica das relações de gênero provocadas pelas lutas feministas dessa geração. (GOMES; SORJ, 2014, p. 433-434)

Entretanto e apesar dessas contraposições por vezes até opostas, pesquisas afirmam que nos últimos anos o número de brasileiras que se afirmam feministas aumentou consideravelmente e “que muitas pessoas sem experiências de engajamento em movimentos reivindicatórios, a partir da internet passaram a identificar-se com a questão” (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 800), e mais, entre elas a maioria é composta por jovens entre 15 e 17 anos, demonstrando que o discurso feminista ainda é relevante para as novas gerações, porém “horizontal e descentralizado” (HELENE, 2013, p.71), ora em concordância ora em conflito, mas ainda ativo, vívido e necessário na sociedade.

O Feminismo em moldes contemporâneos além de ser uma construção coletiva e cotidiana, percebe que “negar o conflito só fragiliza a luta e diminui a capacidade de organizar uma resistência coletiva” (ÁVILA, 2007) reafirmando sempre a pluralidade dos sujeitos, de modo que o “contraditório passou a ser entendido como uma marca do Feminismo” (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 802). Pois, pela percepção de Gomes e Sorj (2014) a existência dessas controvérsias demonstra a complexidade dos Feminismos na atualidade e possivelmente trará novos caminhos e direções para o movimento no futuro, e como afirmou Britto (2017) as feministas parecem ter encontrado na internet um terreno fértil para ampliar suas ações, debate e organização interna.

De todo modo, o Movimento feminista faz parte disso, de um ciclo adaptável que se repete e se renova, sempre manifestando as demandas do movimento que naquele período são julgadas mais relevantes; e, a Internet juntamente com os artifícios das redes sociais através das diversas formas como o discurso feminista é compartilhado, certamente é um dos motivos, se não o maior deles, para essa renovação dos Feminismos dentro da nossa contemporaneidade. Pois, os impactos que os compartilhamentos do discurso feminista provocam é símbolo dessa nova identidade feminista do século XXI, visto que, a descentralização do debate no ambiente digital fomenta ainda mais pluralidades dos sujeitos e dá voz a uma geração carregada de novas experiências, perspectivas e engajamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a evolução histórica do discurso feminista desde as primeiras manifestações (Feminismo de primeira, segunda e terceira onda) até o século XXI (Feminismo contemporâneo ou a “quarta onda”), podemos perceber o surgimento de diferentes vertentes desse movimento, as quais abrangem as reivindicações de diversos sujeitos político-sociais, assim como também percebemos que o movimento feminista tem aumentando seus horizontes significativamente, tanto no que se refere a quantidade de adeptos ao movimento, quanto a sua importância na sociedade, afirmando sua popularidade e influência na política, na filosofia e na vida de todos, principalmente porque gerencia discussões relevantes sobre discriminação e desigualdades de gênero, ainda mais com a mudança que está ocorrendo na mentalidade crítica e política da sociedade do século XXI, tornando os indivíduos mais sensíveis e mais dispostos a discutir questões como o racismo, intolerância religiosa, orientação sexual, por exemplo, entre outros assuntos que outrora eram evitados em rodas de conversa, possivelmente para fugir de opiniões oposta ou simplesmente por falta de conhecimento sobre o assunto.

Através do estudo da história de luta do movimento feminista, sua evolução, formas de participação na vida política e social, retrocessos e desdobramentos, e principalmente da observação das movimentações nas redes sociais, especificamente o Youtube, Instagram e o Twitter, a fim de compreender, analisar e discuti-los partindo do ponto de vista epistemológico, mediante um diálogo entre a Sociologia, Psicologia e a Filosofia, foi possível compreender o papel e o efeito dos recursos digitais na propagação e pluralização do discurso feminista e como, apesar dos pontos negativos, eles são benéficos no fim das contas. Pois, independente de para qual finalidade foi usada a *hashtag* #Feminismo no Twitter, por exemplo, seja para críticas construtivas ou destrutivas, o tema estava e ainda está em pauta, dessa forma assim o assunto está sendo discutido, e provocando inquietações nas pessoas.

Diante disso, o desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como compartilhamentos do discurso feminista através das redes sociais podem impactar ao mesmo tempo em que provocar a sociedade a conhecer e discutir sobre Feminismo, e dessa forma construir e/ou renovar a identidade, a ação e os agentes desse movimento, visto que, essa nova fase (“quarta onda”) do Feminismo está concentrada majoritariamente nesse ciberespaço. O impacto das campanhas virtuais e da mobilização da Primavera Feminista é uma prova concreta da importância da internet para o movimento feminista contemporâneo. Foi possível

perceber que além de usá-las como uma ferramenta para comunicação, as feministas digitais ampliaram sua capacidade de uso em comparação a outros movimentos sociais, apesar do dinamismo inerente ao uso da internet, visto que ela é um espaço tanto para difusão de informações, como um espaço de articulação e debate. Ainda convém lembrar que o Feminismo é plural, portanto são diferentes graus de institucionalização, diferentes identidades políticas e principalmente diferentes modos de expressão, e tornou-se mais ainda nessa nova fase do movimento que utiliza o ciberespaço como principal plataforma de diálogo, pois esse espaço por si só já é um ambiente pluralizado. Mas da mesma forma que essa nova arena democratizou a discussão, também elevou a voltagem dos radicalismos, e por consequência disso às vezes a discussão toma um rumo indesejado chegando a ocasionar casos de puro linchamento virtual, com consequências traumáticas aos envolvidos, e também aos que acompanharam a discussão online.

Dado o exposto, podemos concluir que o impacto e os efeitos dos compartilhamentos do discurso feminista através das redes sociais (nova forma de sociabilidade), é o atual motor para a expansão e desenvolvimento do Feminismo, tanto no que se refere à ideologia como ao movimento, por todas as possibilidades que só essa ferramenta é capaz de proporcionar. Todavia, percebemos que para maior efetividade do movimento, é necessário equilibrar o ativismo online, onde apesar do esforço para não ser, as relações são mecânicas, com ativismo em diversos ambientes e para diversos públicos, dando maior credibilidade à ação e permitindo uma comunicação mais direta e eficaz entre o público e movimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer. História e usos da Internet. **Synthesis** – Revista de Produção Científica da FACVEST: os vários olhares da produção científica. Lages/SC: Papervest Editora, n. 5, 2004.
- AIUB, Monica et al. **Tornar-se mulher**. Filosofia-Ciência&Vida, n. 120, p. 63-70, set. 2016.
- ARAÚJO, Raquel Martins Borges Carvalho. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. **Revista Água Viva**, 2010.
- AS SUFRAGISTAS. Produção de Alison Owen e Faye Ward. Dirigido por Sarah Gavron. Reino Unido. 2015. Drama biográfico, color., (106 min).
- ASSMANN, Selvino José. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. Trad. e Apres. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 1-5, jan. 2007.
- ÁVILA, Maria Betânia. Radicalização do Feminismo, Radicalização da Democracia. In: X ENCONTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO E DO CARIBE, 2005, São Paulo. **Conferência** [...]. Cadernos de Crítica Feminista: SOS CORPO, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BBC. **Dia Internacional da Mulher: a origem operária do 8 de Março**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43324887>> Acesso: 09 out. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Volume 2. Tradução Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Volume 1. Tradução Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELNHAK, Gabriela; DIAS, Marlon. Elas querem queimar o sutiã e muito mais. **Facos colaborativa**. 18 set. 2012. Disponível em: <<https://facoscolaborativa.wordpress.com/2012/09/18/elas-querem-queimar-o-sutia-e-muito-mais/>> Acesso em: 9 abr. 2019.
- BITTENCOURT, Naiara Andreoli. Movimentos feministas. **Revista InSURgência**, Brasília, p. 198-210, jan/jun. 2015.
- BLAY, Eva Altermann. 8 de março: Conquistas e controvérsias. **Estudos feministas**, p. 601-607, set. 2001.
- BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro**. São Paulo, Todavia, 1ª Ed., 2017.
- BRASIL. **Projeto de lei nº 5069, de 27 de dezembro de 2013**. Acrescenta o art. 127-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal. Brasília, 27 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565882>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- BRITO, Rafaella. **Nísia Floresta: a primeira feminista brasileira**, 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/08/nisia-floresta-a-primeira-feminista-brasileira/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- BRITTO, Priscilla. Primavera das mulheres: O on-line e o off-line nas manifestações feministas de 2015. **Sociologia**, Revista, 2017.
- CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: Sujeito, Identidade, Alteridade**. 2012. 201 f. Tese (Doutor em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. História. 2011, vol.30, n.2, p. 196-213.

CARNEIRO, Sueli. **Raça e etnia no contexto de Beijing**. In: WERNECK, Jurema. MENDONÇA, Maísa. WHITE, Evelyn C. (org). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

CONSOLIM, Veronica Homs. **Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres**. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/>> Acesso em 09 de jan. 2019.

DIÁLOGOS: Terceira onda do Feminismo. 2016. Produzido por UnBTV. Youtube (18 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5vK1XSMDjOA&t=4s>> Acesso em: 5 abr. 2019.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea**. Trabalho apresentado no 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e Transversalidades nas Artes Visuais, p. 1541 – 1555. Salvador, BA. 2009,

DUARTE, Ana Rita Fontele. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2006.

DUARTE, Constância Lima (Org.). Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2005.

ESPERANÇA, Keli Cecília. **O Feminismo contemporâneo**. Paraguaçu Paulista – SP, 2018. Disponível em: <<http://www.paraguacity.com/?b=83857>> Acesso em 24 abr. 2019.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FONSECA, Caue. **As primeiras vozes do Feminismo: a história do grupo que lutou pelo voto das mulheres**. 2015. Disponível em : <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/comportamento-2/primeiras-vozes-Feminismo-historia-grupo-que-lutou-pelo-voto-das-mulheres/>> Acesso em 29 set. 2018.

FRAZÃO, Dilva. **Maria Quitéria: Militar brasileira**, 2019. Disponível em <https://www.ebiografia.com/maria_quiteria> Acesso em: 09 dez. 2017.

GELEDES. **Sojourner Truth**. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>> Acesso em: 28 set. 2018.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, 2014

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>> Acesso em: 09 dez. 2017.

HAILER, Marcelo. Angela Davis: a mulher mais perigosa do mundo. **Portal Fórum**. Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/angela-davis/>> Acesso em: 15 dez. 2017.

HELENE, Diana. A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade. **REDOBRA** 11, ano 4, n. 1, CORPOCIDADE 3, p. 68 -79, 2013.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e Feminismo**. 1ª Ed. 1981. Trad. livre Plataforma Gueto, 2014.

KAMINSKI, Leon Frederico. O movimento hippie nasceu em Moscou: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970, **Antíteses**. v. 9, n. 18, P. 467-493, jul./dez. 2016.

MARQUES, Ana Maria. Feminismo e gênero: uma abordagem histórica. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº8, P. 6- 19, jan-jun, 2015.

MATOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista: É possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, nº 36: p. 67-92, jun. 2010.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução.** – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

MORA, Adelina Sarrón. **El pensamiento feminista.** In: Lecturas de filosofía: corrientes actuales de pensamiento. Madrid-Espanha: Akal, p. 257-308, 2009.

OLIVEIRA, Bárbara Nascimento de; SILVA, Franciele Jacqueline Gazola da. Feminismo nas mídias sociais: atualidade e potencialidades. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 2016, Sergipe. **Anais [...]**, p. 796-809, Sergipe, 2016.

ONDAS Feministas: história e vertentes do Feminismo. Produção: Se liga nessa história. 2018. Youtube (30 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zGHdDnKw8Cc&list=LLvC4pTSFF-OQJfztPIO-NIw&index=17&t=0s>> Acesso em 5 abr. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Os Feminismos e os muros de 1968, no Cone Sul. **Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica**, Santa Catarina, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít**, Curitiba, v.18, n.36, p. 15-23, jun. 2010.

REIS, Josemira Silva. Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13ª Women's Worlds Congress, **Anais eletrônicos**, Florianópolis, 2017.

SANTANA, Camila de Melo. **O Pessoal é Político: os sentidos da autorreflexão para os movimentos feministas do Recife.** Pernambuco, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** 4. ed. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo radical – pensamento e movimento. **Travessias**, 2008.

TEXEIRA, João de Fernandes. Homo virtualis. **Filosofia Ciência&Vida**, n. 123, ano IX, 2017.

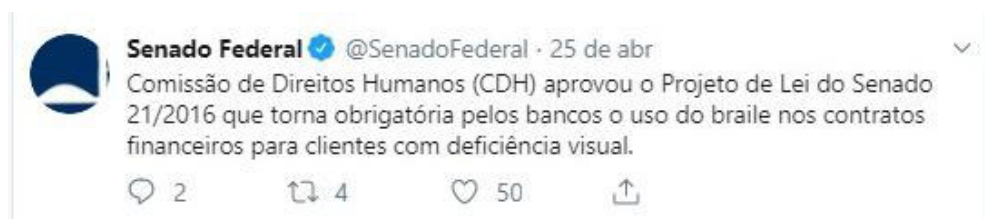
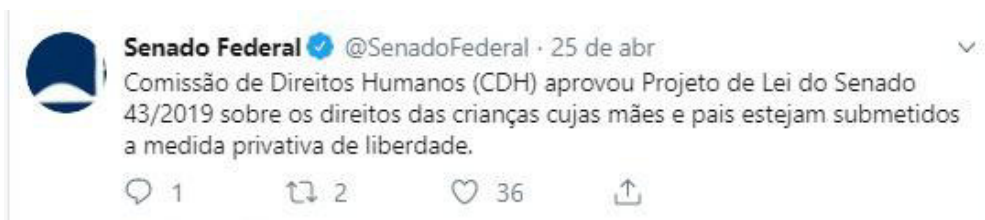
TIMELINEJS. Universidade Livre Feminista. **Linha do tempo.** Brasília, 2009. Disponível em: <<https://Feminismo.org.br/historia/>> Acesso em 9. abr. 2019.

VIEIRA, Eduardo. Os bastidores da Internet no Brasil. Barueri - SP: **Manole**, 2003.

ZUCCO, Maise Caroline. **Influências do Feminismo estadunidense no Brasil: relatos e leituras.** In: ANPUH – Simpósio Nacional de História, XXIII, p. 1-11 Londrina, 2005.

ANEXOS

Anexo A



Anexo B



4 meses atrás
 Não sei pq vim parar aqui, mas me ajudou. Beijos de luz 🥰🌸
 226 👍 RESPONDER

1 mês atrás
 Vc é incrível ❤️🥰 e estou vendo esse vídeo em 2019 e me ajudou muito
 9 👍 RESPONDER

4 meses atrás (editado)
 Estou vendo esse vídeo novamente, pq ontem(31/12/18) eu chorei por causa do meu corpo, eu queria muito poder me amar e não chorar nunca mais por causa dele...
 131 👍 RESPONDER

2 meses atrás
 Seu vídeo me salvou, caí aqui por acaso e estou super feliz de saber que ninguém é perfeito!! Claro eu já sabia disso mais eu ficava triste
 5 👍 RESPONDER

4 meses atrás
 Tá de parabéns.
 A mulher é linda de qualquer jeito,não precisamos entrar no padrão da sociedade de hoje,temos q nos amar do jeito q somos.
 Parabéns pelo vídeo top 🥰🥰🥰❤️
 1 👍 RESPONDER

1 mês atrás
 Obrigada por esse vídeo, tenho me sentindo muito mal porque engordei alguns quilos depois de uma operação e minha barriga mudou muito, estava numa neura de jejum intermitente e alimentos diuréticos pra diminuir a barriga, isso sem falar na cinta. Obrigada por isso 😊
 3 👍 RESPONDER

4 meses atrás
 Nossa Ellora, eu amo seus vídeos ,chorei muito assistindovocê me trás uma percepção de mim tão maravilhosa ,você me trás paz em meio a crise de autoestima .❤️ Não para nunca ,por favor.
 1 👍 RESPONDER

Anexo C

← #feminismo

1,3 mi publicações

Seguir

Veja algumas das publicações mais relevantes a cada semana.

MAIS RELEVANTES RECENTES

5,452 472 mil 1,000
Publicações Seguidores Seguindo

Mensagem

FILHAS DE FRIDA
Comunidade
Se você é racista, machista ou intolerante com qualquer minoria, pode seguir. Somos um projeto de cultura e educação, podemos ajudar você!
VER TRADUÇÃO

3,933 578 mil 296
Publicações Seguidores Seguindo

Mensagem

feminismo
Site de notícias e mídia.
feminismo|política|maternidade real
por: |
facebook e twitter: femiismo
youtube: daniela brum
parcerias: feminismo@gmail.com
VER TRADUÇÃO

1,951 673 mil 1
Publicações Seguidores Seguindo

Mensagem

Empodere Duas Mulheres
Criadora de Conteúdo Feminista
Feminist Content Creator
Livro "Empodere-se": <https://amzn.to/2xtvBEq>
Apoie no Catarse:
VER TRADUÇÃO



26.977 curtidas

e você, o que quer nesse da da mulher? nos stories vcs podem pegar a ilustra e completar com o que desejam nesse dia 8 de março. ta sendo lindo entender todas as pautas das diferentes mulheres! negras, asiaticas, gordas, trans, lbgt e varias outras. interseccionalidade é tudo ❤️ #8m

- Quero ter direto a voz no trabalho, no bar, na universidade, na reunião... Em qualquer lugar! 🙌
10 sem Responder
- Não quero flores, quero espaços políticos.
10 sem 3 curtidas Responder
- Quero flores e tudo mais que eu tenha direito, quero flores e andar na rua sem medo, quero flores e entrar no ônibus sem medo de ser assediada, quero uma vida cheia de flores e de respeito
10 sem 20 curtidas Responder
- Quero sair na rua a noite e me divertir sem temer minha saúde física e emocional.
10 sem Responder
- Quero flores porque já não tenho medo. 🌹🌹🌹
10 sem Responder

Anexo D

The screenshot shows the top navigation bar of the VEJA website with links for 'veja', 'Governo Bolsonaro', 'Reforma da Previdência', 'Educação', 'Revista', 'Newsletters', and 'Podcasts'. The main article title is 'Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”'. Below the title is a sub-headline: 'A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice'. The author is 'Por Juliana Linhares' and the date is '18 abr 2016, 19h14'. To the right is a 'Newsletter' sign-up box with the text 'Notícias da Manhã: reportagens, entrevistas, análises e artigos de colonistas para começar o dia bem informado.' and a 'CADASTRAR' button. Below that is a 'Não perca nenhuma notícia.' box with a checkbox for 'Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.' and another 'CADASTRAR' button. At the bottom right is a 'veja EDIÇÃO DA SEMANA' box with the date '2636 - 01/01/1970' and an 'Assine' button.

Fonte: Revista VEJA online (2019)

BRASIL Portal Brasil
@portalbrasil

P/ advogada Carla Guareschi, a ação do #MeuAmigoSecreto motivou as pessoas a se mobilizarem contra ações machistas.



6:14 PM · 13 de dez de 2015 · Twitter Web Client

Sul21 Sul21
@jornalSul21

Tuitaço e manifestação contra PL 5069 e Cunha marcam a sexta-feira goo.gl/RyzxaD #MulheresContraCunha



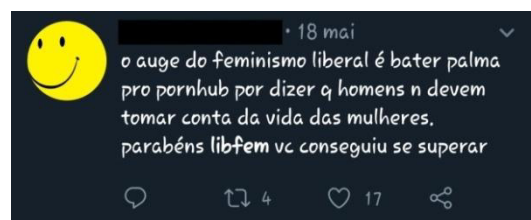
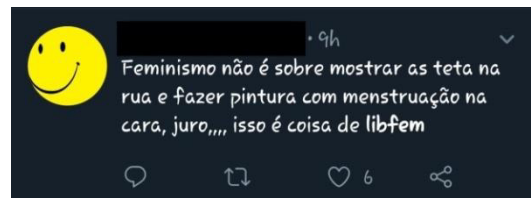
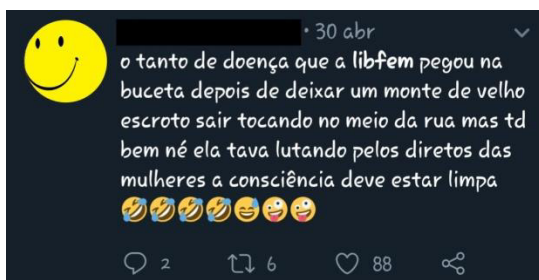
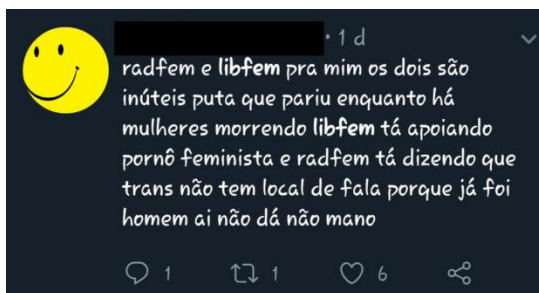
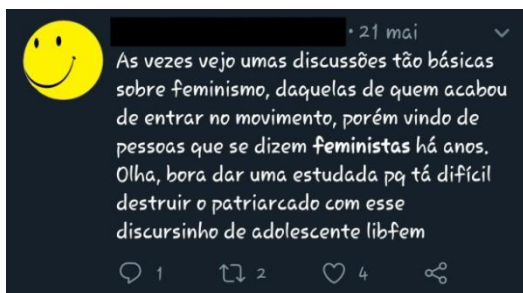
5:36 PM · 30 de out de 2015 · TweetDeck

Fonte: Twitter (2019)

A graphic with a dark blue background and white text. The main title is 'Meu Primeiro Assédio'. Below it is the subtitle 'Quando um momento na TV vira uma campanha nacional'. The month 'Outubro' is mentioned. At the bottom, it says '+ de 11 milhões Pesquisas'. A white line graph is visible in the bottom right corner, showing an upward trend.

Fonte: Google trends (2019)

Anexo E



Anexo F

